

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
UNIVERSIDADE TIRADENTES – SE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL – MINTER**

ADELINA AMÉLIA VIEIRA LUBAMBO DE BRITTO

**A FESTA DO BOM JESUS DOS NAVEGANTES EM PROPRIÁ-
SE: HISTÓRIA DE FÉ, ESPAÇO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E
LAÇOS CULTURAIS**

**NATAL
2010**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ADELINA AMÉLIA VIEIRA LUBAMBO DE BRITTO

**A FESTA DO BOM JESUS DOS NAVEGANTES EM PROPRIÁ-
SE: HISTÓRIA DE FÉ, ESPAÇO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E
LAÇOS CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em parceria com a Universidade Tiradentes – SE, como exigência final para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior

**Natal
2010**

ADELINA AMÉLIA VIEIRA LUBAMBO DE BRITTO

A FESTA DO BOM JESUS DOS NAVEGANTES EM PROPRIÁ-SE: HISTÓRIA DE FÉ, ESPAÇO DAS RELAÇÕES SOCIAIS E LAÇOS CULTURAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em parceria com a Universidade Tiradentes – SE, como exigência final para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Defesa em: ____/____/2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Jr. – DCS/UFRN
(Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carvalho de Assunção – DCS/UFRN
(Examinador Interno)

Profa. Dra. Maristela Oliveira de Andrade – UFPB
(Examinador Externo)

Profa. Dra. Luciana de Oliveira Chianca – UFRN
(Examinador Interno Suplente)

Prof. Dr. Robson Ricardo Souza do Nascimento – UFRN
(Examinador Externo Suplente)

AGRADECIMENTOS

Nenhum trabalho de pesquisa é de natureza exclusivamente individual. É nesse sentido que julgo necessário manifestar minha gratidão àqueles que, sob diversas formas, prestaram-me inestimável auxílio.

Agradeço:

A DEUS, por me conduzir neste caminho, reforçando minha fé e esperança, pois em alguns momentos pensei fraquejar, e só a força de sua presença levaram-me a não desistir, alcançando a chegada.

Aos meus pais, Álvaro e Hilda (*in memoriam*), por acreditarem em mim, sempre, e pelo apoio em todas as minhas decisões.

Ao bispo de Propriá-SE, Dom Mário Rino Sivieri, pela disponibilidade em falar sobre a festa, e ao pároco Monsenhor Oudair Francisco, condutor da festa religiosa, que também contribuiu com suas informações e posicionamentos.

Ao Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior, enquanto orientador, pela aceitação em conduzir este trabalho, contribuindo com sugestões relevantes, estímulo, sempre acreditando na minha potencialidade quando dizia: *“ninguém mais na academia conhece a festa, melhor que você.”*

Aos professores membros da banca de qualificação e defesa, pelas sugestões apresentadas e pelo tempo disponibilizado à leitura deste trabalho.

Aos professores que formaram o seletivo grupo “minter-potiguar” pela união, paciência e coleguismo para conosco, professores-alunos sergipanos.

À coordenação do MINTER-UFRN/UNIT, pela ética e profissionalismo como conduziram este mestrado.

À Universidade Tiradentes, através da PAPGP, por nos proporcionar esta oportunidade.

Aos colegas-professores da UNIT elementos fundamentais para a formação do grupo “professores-alunos-minterianos”, pelos laços criados durante o mestrado, em especial à colega e amiga Vanda Salmeron, com quem partilhei momentos desta caminhada.

Um agradecimento aos colegas-professores do curso de Serviço Social da UNIT, que torceram todo o tempo, por mim e a Enedina, Jesana e Kátia, pela disponibilidade de algumas obras da área e pelas sugestões apresentadas ao trabalho.

Ao povo de Propriá, romeiros e visitantes com os quais conversei, e entrevistei antes, durante e depois dos festejos, pois sem a fé manifesta por eles na festa do Bom Jesus dos Navegantes, seria impossível o desenvolvimento deste trabalho: muito obrigada!

À Câmara de Vereadores de Propriá, pelas informações que vieram fortalecer as assertivas apresentadas na pesquisa.

A Andréa Carla Costa Lima, aluna e quase colega de profissão, que desde o início deste trabalho, demonstrou o seu interesse pela pesquisa, e entendendo a necessidade muitas vezes da minha ausência no local, serviu de ponte, com informações importantes, contatos e acesso a documentos que só vieram enriquecê-lo. A você, Andréa, minha gratidão.

Ao Dr. João Fernandes de Britto, médico de profissão e historiador por vocação, pela cessão de informações através de *e-mails*, telefone e publicações, fonte viva da história de Propriá, meus sinceros agradecimentos.

Ao fotógrafo da cidade Sr. Augusto Santana, por disponibilizar seu valioso acervo fotográfico sobre a cidade de Propriá e sua festa, contribuindo em muito para esta pesquisa.

Aos colegas da CODISE que acreditaram em mim, no meu esforço apesar dos obstáculos impostos, e mais diretamente, a Gustavo Zambrana, por se dispor a criar a capa deste trabalho. Valeu, gente!

Ao meu esposo Hildebrando Lubambo de Britto Filho, pelas tantas viagens à Propriá com a finalidade sempre de colher mais informações, e pela responsabilidade recebida de, enquanto amador, produzir fotos e vídeos da pesquisa.

Aos meus amados filhos e ao meu genro Thiago, o filho que chegou depois, que depositaram toda confiança em mim, sempre me fortalecendo com palavras carinhosas de incentivo. Vocês foram a FORÇA!

Enfim, a todos aqueles que com maior ou menor participação, contribuíram para a realização deste sonho.

Muito obrigada!

*Aos meus filhos, Hildebrando Neto, Ana
Carolina e Álvaro Luiz, meu sentido de vida,
dedico esta vitória!*

“Calor humano da multidão que se aperta, não forçada por qualquer obrigação ou costume, mas por necessidade e prazer. Necessidade de Deus, felicidade de o ver, de o ouvir, de o tocar.”

(Guy Deleury)

RESUMO

O estudo trata de uma pesquisa realizada para o mestrado em Ciências Sociais em convênio entre a Universidade Tiradentes-UNIT/SE e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Por ser um acontecimento religioso, buscou-se mostrar que as festas religiosas de modo geral têm significados particulares para cada povo ou região. As festas brasileiras independente de onde aconteçam, como informa Amaral (1998), são manifestações populares que, conforme o contexto em que se apresentam, podem diluir, cristalizar, celebrar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam. Elas acontecem como forma de agradecer vitórias alcançadas ou passagens religiosas importantes como o Natal, celebração aos santos juninos, santos padroeiros e os considerados santos protetores. Assim, *A festa do Bom Jesus dos Navegantes em Propriá-SE: história de fé, espaço das relações sociais e laços culturais* se apresenta como campo de estudo dessa dissertação por tratar-se de um desses festejos que, embora comemorado por alguns municípios sergipanos situados às margens do rio São Francisco, sempre nos domingos de janeiro, tem a característica de se sobrepôr a todas as outras festas realizadas na cidade, inclusive às do santo padroeiro de Propriá, Santo Antônio, realizada no dia 13 de junho. Enquanto material e métodos, optou-se pela pesquisa qualitativa/participante, fazendo uso das técnicas de observação direta, entrevistas, publicações de jornais, *sites*, fotos, vídeos e depoimentos de organizadores e participantes, além de referências bibliográficas de estudiosos da área. Com esta pesquisa buscaram-se respostas para questionamentos sobre o que poderia manter viva a realização do festejo de Bom Jesus dos Navegantes a cada ano, tendo em vista tratar-se de um santo protetor e não padroeiro; avaliou-se como o investimento do poder local na organização dos festejos artísticos vem criando um fio de tensão com a Igreja Católica, promotora dos rituais religiosos. Além disso, analisou-se como os espaços sagrados e profanos se apresentam indissociáveis ao festejo e, por fim, constatou-se que a festa preserva o seu valor ao conservar sua tradição e ao abrir espaço para a modernidade, não se enfraquecendo, mas sofrendo metamorfoses do tempo e do espaço, podendo ser percebida nas relações sociais e laços culturais envoltos pelo momento de fé religiosa.

Palavras-chave: Festa religiosa. Sergipe. Rio São Francisco. Sagrado-profano.

ABSTRACT

The study is a survey conducted for the Master of Social Sciences carried out in partnership between the *Universidade Tiradentes-UNIT/SE* and the *Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)*. Being a religious event, we seek to show that the religious parties generally have particular meanings for each nation or region. Amaral (1998) informs that the Brazilian parties regardless of where they occur are popular demonstrations that, as the context in which they present themselves, can dilute to crystallize, to celebrate, to ritualize or sacralize the particular social experience of the groups that do. They happen as a way to thank victories or important religious passages as Christmas, the June saints celebration, patron saints and patron saints considered. Thus, *The Bom Jesus dos Navegantes party in Propriá-SE: story of faith, a space of social relations and cultural ties*, is presented as our field of study because it is one of those celebrations that while celebrated in Sergipe, always on Sundays in January, by some municipalities situated along the river San Francisco, has the characteristic of overlap any others placed in town, including the one of the city's patron saint, Saint Anthony, held on June 13. Concerning the materials and methods, we opted for qualitative research and participant direct observation, using the techniques of personal notes, interviews, newspapers, websites, photos, videos and testimonials from participants and organizers, as well as references offered by experts of the area. With this research answers were sought to questions about what could keep alive the celebration of *Bom Jesus dos Navegantes* each year in order that this is a patron saint, not saint; the way as the investment of local government with more resources in this period, during the organization of arts festivals, has created a thread of tension with the Catholic Church promoting the religious rituals was reviewed. It was also analyzed how the sacred and profane spaces present themselves inseparable from the celebration and, finally, it was revealed that the party retains its value by preserving its tradition and making room for modernity, not weakening but suffering metamorphoses of time and space and can be seen in the social and cultural bonds wrapped by the time of religious faith.

Key-words: Fiesta. Sergipe. São Francisco River. Sacred-profane.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa rodoviário do Nordeste Brasileiro	22
Figura 2 – Construção do cais em Propriá I	23
Figura 3 – Construção do cais em Propriá II	23
Figura 4 – Estação ferroviária de Propriá, hoje desativada	23
Figura 5 – Hidroavião Catalina	23
Figura 6 – Igreja antiga	24
Figura 7 – Igreja reformada, hoje Catedral	24
Figura 8 – Procissão de Santo Antônio	25
Figura 9 – Imagem de Santo Antônio – Padroeiro da Cidade	25
Figura 10 – Localização da Capela do Bom Jesus dos Navegantes	27
Figura 11 – Capela do Bom Jesus dos Navegantes	28
Figura 12 – Mastro da Quintino Bocaiúva ou Tecido	32
Figura 13 – Topo do mastro I	32
Figura 14 – Mastro da Av. Prefeito Nelson Melo (Pau-de-Arara)	33
Figura 15 – Topo do mastro II	33
Figura 16 – Foto do mastro com as bandeiras/comissão organizadora	34
Figura 17 – Missa campal em um dos mastros votivos	35
Figura 18 – Imagem do Bom Jesus ao lado do mastro votivo	35
Figura 19 – Banda de bloco carnavalesco	36
Figura 20 – Bloco carnavalesco	36
Figura 21 – Recorte do jornal <i>Gazeta de Sergipe</i> (22.01.1985)	37
Figura 22 – Recorte do jornal <i>Gazeta de Sergipe</i> (29.01.1985)	37
Figura 23 – Faixa de boas-vindas	43
Figura 24 – Faixa de saudação aos visitantes	43
Figura 25 – Recorte de jornal <i>Gazeta de Sergipe</i> (22.01.1985)	44
Figura 26 – Bordadeiras na praça	45
Figura 27 – Ambulante de imagens sacras	45
Figura 28 – Ambulantes no parque	46
Figura 29 – Parque intinerante	46
Figura 30 – Enchente de 1949	47
Figura 31 – Enchente de 1960	47
Figura 32 – Enchente de 1979	47
Figura 33 – Enchente de 1983	47
Figura 34 – Carroça com Romeiros	51
Figura 35 – Pequena canoa de pescadores com romeiros	51
Figura 36 – Bloco Alvorada dos Navegantes I	57
Figura 37 – Bloco Alvorada dos Navegantes II	57
Figura 38 – Canoa Canindé	58
Figura 39 – Canoa Luzitânia	58
Figura 40 – Embarcações da atualidade	58
Figura 41 – Embarcação de lazer	58
Figura 42 – Inauguração da Ponte I	59
Figura 43 – Inauguração da Ponte II	59
Figura 44 – Hotel Velho Chico	60
Figura 45 – Restaurante Maria Bonita no Hotel Velho Chico	60
Figura 46 – Devotos na ponte	64
Figura 47 – Devoto a cavalo: Sr. Miguel do Belém	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OS PREPARATIVOS DA FESTA	19
1.1 A origem da festa de Bom Jesus dos Navegantes.....	19
1.2 Participação da Igreja Católica, da comunidade e do poder local na organização da festa	26
1.3 Os mastros tradicionais e o Encontro Cultural de Propriá: elementos distintos, porém contíguos	31
2 BOAS-VINDAS AOS ROMEIROS E VISITANTES	43
2.1 O acolhimento da cidade	43
2.2 A fidelidade dos devotos ao santo: promessas e penitências.....	49
2.3 A diversão.....	53
3 O DOMINGO DA FESTA	56
3.1 Alvorada festiva e missa solene.....	56
3.2 Procissão fluvial pelo rio São Francisco	62
3.3 Apoteose	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICES	79

INTRODUÇÃO

As festas no Brasil ficaram reconhecidas como meio de lazer e diversão dos povos coloniais, ora ligados ao poder do Estado, ora pelo calendário religioso estabelecido pelo poder espiritual da igreja. Tinhorão (2000, p. 17) diz que “as festas no Brasil tiveram início com a primeira missa com toda a alegria para fazer a cruz e mostrar aos índios o quanto ela era importante para os portugueses” – o que foi reafirmado com a missa celebrada no domingo com grande espetáculo para impressionar os nativos.

Realmente os colonizadores conseguiram, pois “ao perceberem o encantamento dos índios pela música, uma das primeiras atitudes foi atrair os meninos índios para as aulas de religião, presenteando-lhes com aulas de canto e com instrumentos musicais europeus.” (TINHORÃO, 2000, p. 26). E durante muito tempo, as principais diversões dos povos no Brasil Colonial eram as festas religiosas, homenageando dias santificados que se estendiam por todo o calendário anual.

As festas brasileiras independentes de onde aconteçam, como informa Amaral (1998, p. 8), “são manifestações populares que, conforme o contexto em que se apresentam pode diluir, cristalizar, celebrar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam.”

Tais festas acontecem como forma de agradecer vitórias alcançadas ou passagens religiosas importantes como Natal, celebração aos santos juninos, santos padroeiros, e aqueles considerados santos protetores. O festejo brasileiro, por sua característica peculiar, pode ser considerado como uma dimensão de aprendizado de cidadania e apropriação de sua história por parte do povo.

Essas manifestações festivas são frutos de uma tradição herdada dos europeus, sobretudo os portugueses que, juntamente com a Igreja Católica, souberam exercer o seu domínio sobre os cultos locais – indígenas e africanos. Elas introduziram doutrinas, costumes e comportamentos que resultaram em um hibridismo religioso-cultural, formatando uma religiosidade católica popular. Essas festas são consideradas de cunho coletivo, e por isso tentam conciliar nos dias de comemoração, os ritos sagrados com os profanos, apresentando-os quase que indissociáveis aos festejos.

Assim, a festa de Bom Jesus dos Navegantes que ocorre na cidade de Propriá, no Estado de Sergipe, sempre no último domingo do mês de janeiro, se apresenta como nosso campo de estudo por tratar-se de um desses festejos, comemorados por alguns municípios sergipanos situados às margens do rio São Francisco nos três primeiros domingos do mês referido – Neópolis (1º domingo), Gararu (2º domingo), Santana do São Francisco ou Carrapicho (3º domingo) –, envolvendo todo um histórico de religiosidade, desenvolvimento e posterior estagnação econômica, histórica e sociocultural de Propriá, que se destacou como a segunda maior economia do Estado até meados do século XX. Além disso, a festa de Bom Jesus dos Navegantes possui a característica de se sobrepor a todas as outras festas realizadas na cidade, inclusive às comemorações do santo padroeiro (Santo Antônio), comemorado no dia 13 de junho, durante o ciclo junino, como detalharemos adiante.

É válido dar ênfase ao desenvolvimento da cidade, pois de acordo com os documentos a que tivemos acesso, houve uma fase áurea em que Propriá se destacou pela produção e comercialização em grande escala do algodão, arroz, e ainda do pescado retirado das águas do rio São Francisco, detendo certo poder sobre os demais municípios, e o reconhecimento pelos estados mais próximos a Sergipe, como Bahia e Alagoas.

A referência à estagnação da cidade foi feita com base em informações colhidas de moradores mais antigos, que segundo eles teve início com o fechamento da usina de beneficiamento de fibra do algodão e tecelagem no final da década de 1950, cognominada pela comunidade como “O Tecido”, e que deu este nome ao bairro em que se fixou, quando foi instalada em 1914, por ter povoado à sua volta grande parte de seus operários. Até hoje, sob limites de seus muros encontra-se parte da sua estrutura sólida que foi reaproveitada como mercado municipal em uma das gestões passadas pelo poder público local, mas que não obteve aceitação da comunidade, e atualmente encontra-se ocupada em parte, por uma pequena empresa geradora de 50 empregos diretos para o município.

Justificativas também são apresentadas por moradores, para o fechamento das usinas de beneficiamento do arroz, responsáveis por grande parte da fonte de renda do município: a construção da ponte, que liga os estados de Sergipe e Alagoas sobre o rio São Francisco, e das barragens de hidrelétricas. Era a chegada do progresso, mas não o de Propriá. Através da ponte rodo-ferroviária, com sua inauguração em 1972, a ponte desviou a rota de transportes, uma vez que foi construída no segmento da rodovia federal, a BR-101. A localização da ponte fica mais compreendida quando apresentamos o mapa rodoviário que destaca a divisa dos estados de Sergipe e Alagoas, e a localização da cidade, nos capítulos posteriores.

A informação que nos foi dada é de que antes da ponte, o transporte mais utilizado era o ferroviário devido à precariedade da rodovia existente até Propriá e do número reduzido de caminhões que enfrentavam essas estradas. Havia a Estação Ferroviária encarregada de escoar a produção de outros estados do sul e sudeste até Propriá, trazidas nos trens que encerravam suas viagens dentro da cidade. A mercadoria era descarregada dos trens para caminhões que atravessavam o rio nas balsas do porto – único meio de travessia para caminhões, ônibus e carros em todo o baixo São Francisco, mais próximo da BR-101. Havia ainda o carregamento de arroz produzido na cidade que também era feito através dos caminhões, das lanchas de grande porte e das canoas de tolda, sendo estas últimas reconhecidas como símbolo do transporte fluvial no baixo São Francisco.

Os moradores mais antigos da cidade alegam que as barragens trouxeram graves consequências à população ribeirinha por contribuir com o esvaziamento do rio São Francisco¹. As vazantes das lagoas de arroz e a inviabilidade do plantio deste em grande escala foram prejudicadas. Além disso, o próprio transporte fluvial ficou comprometido pelo baixo nível da água. Até o campo sociocultural foi atingido, pois houve a impossibilidade de embarcações como as grandes canoas de tolda, a lancha gaiola de nome Tupã e os navios Comendador Peixoto e Brasiluso, considerados de médio e grande porte, participarem dos festejos do Bom Jesus dos Navegantes.

Diante desta visível estagnação econômica e sociocultural da localidade que protagoniza o festejo, procuramos compreender o que poderia manter viva a realização da festa de Bom Jesus dos Navegantes a cada ano, sendo esta de um santo protetor e não padroeiro e, dentro deste contexto, analisar a tensão criada entre a Igreja Católica e o poder público local no período de realização das festividades; investigar como os espaços sagrado e profano se manifestam durante este período; encontrar as causas que podem ter contribuído para a retirada do Encontro Cultural da programação; comparar a ligação simbólica dos mastros votivos com a festa; e, por fim, comprovar o que faz a festa preservar a sua perenidade, apesar das metamorfoses do tempo.

Nossas inquietudes se fundamentam no que Amaral (1998, p. 9) ressalta, quando enfatiza o seguinte:

¹ O mês de janeiro era o maior referencial das enchentes, da boa pesca, da colheita do arroz e tudo isso movimentava a economia da cidade, vindo a enfraquecer após a construção das barragens.

As festas vêm se tornando um excelente negócio. O forte apelo turístico que lhes é peculiar especialmente quando elas apresentam particularidades regionais, mitos religiosos ou simplesmente a vontade de dançar, cantar e beber, tem se mostrado capaz de gerar milhões em divisas.

Tomando como suporte o que foi enfatizado por Amaral (1998), lançamo-nos na pesquisa procurando conhecer como se originou a festa oficialmente, nos anos de 1921. Em seguida, fizemos uma investigação sobre o que mudou na festa e como esta tem acontecido neste início de século XXI. Entendendo que uma festa envolve outros fatores e por tratar-se de uma celebração quase secular, neste ano de 2010 a festa completou 89 anos, fez-se necessário incluir no contexto estudado elementos de importância tanto para a população quanto para o festejo, como o rio São Francisco, a ponte que costura suas águas, e a cidade na preparação e realização do evento, levando à divisão dos capítulos a seguir apresentados, uma sequência clara, objetivando tornar a leitura agradável, curiosa e informativa.

Justificamos a escolha da festa e da cidade de Propriá, entre tantas outras que também comemoram o festejo do mesmo santo, pela facilidade de acesso para a pesquisa, como também o ensejo em deixar como registro aos habitantes e gerações da localidade – nas bibliotecas locais e em acervos das escolas privadas e públicas –, um suporte de cunho científico sobre a história da festa do Bom Jesus dos Navegantes no município, o que ainda não se teve conhecimento de registros nesses moldes.

Nossos aportes teórico-metodológicos se amparam na literatura clássica de Émile Durkheim e de outros estudiosos da área como: Mircea Eliade, Mary Del Priore, José Ramos Tinhorão, Carlos Rodrigues Brandão, Elias Canetti, Rita Amaral, Luciana Chianca, Luiz Câmara Cascudo, Flávio Pierucci, entre tantos outros, propiciando-nos um maior conhecimento sobre os diversos significados das festas religiosas e interioranas, temática pesquisada e dos elementos que as compõem.

Para maior embasamento da pesquisa, utilizamos fontes como depoimentos dos organizadores da festa, representação da Igreja Católica e do poder público local, além dos registros que fizemos em nossas visitas ao Arquivo Público do Estado, Instituto Histórico e Geográfico, publicações em jornais local e da capital Aracaju, relatos da população em geral e de devotos que sempre acompanharam o festejo, fotos de arquivos público e particular que registram os diversos momentos que envolvem a cidade, a celebração do festejo, trabalhos de graduação sobre santos padroeiros, *sites*, além de nossa observação direta.

Damos destaque como marco temporal os anos de 1921, quando tratamos sobre a origem da festa; 1985 onde ressaltamos a inserção do Encontro Cultural de Propriá que embora tenha sido idealizado para valorizar a cultura local, dando maior ênfase aos grupos folclóricos e descoberta de talentos na poesia e literatura, não tem acontecido desde 2007; e os anos 2008 e 2009 por tratar-se do período delimitado para nossa pesquisa.

Detectamos que a população exige da administração uma justificativa pela ausência do Encontro Cultural, fazendo com que o responsável pela pasta da cultura respondesse à população através da emissora de rádio da localidade, informando uma outra data para o evento. Houve, inclusive, promessas do prefeito de que o Encontro Cultural aconteceria em 2009, (re)planejado, porém a festa aconteceu sem o evento cultural estar inserido nela. Representado pelo secretário municipal de Cultura e Meio Ambiente, Sr. Martinho José, mais uma vez a gestão local – conforme consta no jornal virtual *Tribunadapraia.net*², de 15 janeiro de 2009, ao qual tivemos acesso – buscou justificar a mudança para o mês de abril: “será uma oportunidade de promovermos uma terceira festa no primeiro trimestre do ano, consolidando o mês de abril no calendário cultural de Sergipe”, o que também não ocorre no mês previsto.

A população aguarda a cada ano o retorno do Encontro Cultural junto à festa do Bom Jesus, pois entende ser este um momento de descobertas de novos talentos nas diversas áreas, como também uma oportunidade de promover a cultura e o conhecimento, além de fomento ao turismo no município.

Entendendo a importância do Encontro Cultural na festa do Bom Jesus dos Navegantes, e embora tenhamos delimitado o tempo da pesquisa a 2008-2009, tivemos a oportunidade de participar dos festejos de 2010, em que verificamos já na programação distribuída pela cidade, e propagadas nos jornais de maior circulação no Estado, que o Encontro Cultural não constava da programação, sendo substituído por apresentações artísticas de bandas e trios elétricos, como já vinha ocorrendo desde 2008. Dessa forma, constatamos que o XXV Encontro Cultural de Propriá, ainda não aconteceu na sua forma originária, nesta gestão do governo municipal³.

Para melhor entendermos as justificativas apresentadas pelo poder local, pesquisamos documentos e entrevistamos pessoas que acompanharam, ou até mesmo participaram do Encontro Cultural junto à festa do Bom Jesus para assim analisarmos as

² O jornal está disponível em: <<http://www.tribunadapraia.net/>>.

³ Detalhamos em capítulos posteriores os períodos e nomes dos gestores que administraram o município a partir do I Encontro Cultural de Propriá.

diversas transferências de períodos do Encontro Cultural. Nessas buscas foi possível detectarmos o quanto a população se ressentia pelo Encontro Cultural não ter sido ainda retomado.

Nesse trilhar com a pesquisa, encontramos poemas e letras de músicas de artistas da terra e cantores nordestinos participantes dos encontros realizados anteriormente, ou talentos que poderiam estar sendo conhecidos pela região – músicas que exaltam a cidade de Propriá, as grandes enchentes do rio São Francisco e, mais recentemente, as vazantes deste, além de informações sobre a idealização do I Encontro Cultural, pensado para ser realizado junto à festa do Bom Jesus dos Navegantes como uma forma de unir em um mesmo momento, fé, cultura e diversão. Tais motivos são suficientemente fortes para a permanência do Encontro Cultural, elemento que também abordamos no contexto do nosso trabalho.

Vale ressaltar que durante nossa investigação documental não encontramos nenhum registro que focasse a historicidade da festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá, unindo-a em um mesmo contexto ao rio São Francisco, à cidade e à ponte, o que nos motivou a dar prosseguimento às pesquisas por entendermos que estes elementos sempre contribuíram para o brilhantismo da festividade, e que conhecer a história de Propriá sem mencionar o rio, a ponte onde o festejo também se manifesta, nos proporcionaria a sensação de incompletude sobre a história de fé, reverência e paixão que permeia toda a festa do Bom Jesus dos Navegantes nesta localidade.

Daí sentirmos a necessidade de em cada capítulo destacarmos a importância do rio São Francisco, da ponte considerada de “integração nacional”, como também do Encontro Cultural, os Mastros Votivos – elementos que de muitas formas contribuem para o sucesso do festejo –, além da própria cidade que é sede do evento, todos voltados para um mesmo foco, e ao protagonista da pesquisa: o Bom Jesus dos Navegantes. Diante de tantos elementos importantes, decidimos que as etapas investigativas ficariam distribuídas em três capítulos.

No primeiro capítulo situamos o leitor para *Os preparativos da festa*, levando-o a uma viagem até a sua oficialização em 1921; trilhamos caminhos que nos mostraram como se dá a participação da Igreja Católica, dos membros do Conselho Paroquial, comunidade católica e poder local na organização do evento que inicia-se no penúltimo domingo do mês de janeiro com a transferência do santo de sua capelinha para a catedral, sem deixar de observarmos a inserção do Encontro Cultural de Propriá agregado à festa em 1985, as bandas e trios elétricos, enfim, todos esses elementos que colaboram para uma visão geral sobre o

festejo e também como indicativo de que o sagrado e o profano, embora distintos, neste momento pareçam indissociáveis ao evento.

No segundo capítulo – *Boas-vindas a romeiros e visitantes* – damos um conhecimento panorâmico ao leitor como é Propriá com seus preparativos para acolher visitantes, devotos e romeiros no período da festa, além da oportunidade de vislumbrar a fidelidade dos devotos ao santo com suas promessas e penitências. E ainda, destacamos a importância que o rio São Francisco tem para estes participantes, que reconhecem nele seu meio de transporte, considerando a água do seu leito símbolo de vida, de esperança e de sonhos de muitos que dele dependem para sua sobrevivência e que nele vêm pagar suas promessas, acompanhando o santo na procissão fluvial. Por fim, ressaltamos o momento de diversão que é agregado à festa na busca de mostrar desde o tradicional “peixamento” no São Francisco, as corridas de canoas, o pau-de-sebo, ao parque de diversões, os quiosques de tira-gosto e bebidas, e o refrescante banho nas águas do São Francisco.

E no terceiro capítulo – *Domingo festivo* – revelamos o dia dedicado à procissão fluvial, em que a cidade se transforma em uma verdadeira massa festiva. Observamos a festa manifesta, do alvorecer ao pôr do sol. Neste momento, a participação da igreja é mais destacada. O dia se inicia com o repicar dos sinos anunciando que a data é especial. Pela manhã do domingo há missa solene, batizados e adoração ao santo; à tarde acontece a procissão nas ruas da cidade até ao cais onde o andor⁴ com o santo, autoridades locais, o clero e uma multidão se aglomeram em embarcações para o cortejo pelo leito do rio São Francisco.

É o ápice da festa! Em toda a orla ribeirinha e na ponte se amontoam fiéis visitantes e moradores da cidade para ver o cortejo pelo rio, a manifestação da população de cada bairro definidos pelos mastros votivos, munidos de máquinas filmadoras e câmaras fotográficas, para não perderem o registro de tão grande acontecimento. Não será diferente para os que estão nas embarcações e vão apreciar do rio toda a manifestação em terra, que posteriormente será culminada com uma missa campal em frente ou dentro da igreja, celebrada pelo Monsenhor Odair Francisco, há mais de 12 anos, agradecendo aos participantes locais, visitantes, romeiros e excursionistas por mais uma comemoração festiva.

Os festejos religiosos terminam, dando lugar mais uma vez aos blocos carnavalescos que iniciam e encerram os festejos artísticos na formação de uma outra procissão – a profana! Mas conforme Brandão (1978, p. 37) “as festas religiosas estão ligadas a uma festa profana; é

⁴ Conforme dicionário Aurélio (FERREIRA, 1977, p. 27), “andor – padiola sobre a qual se conduz imagens de santos em procissão; charola.”

como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana ou vice-versa.” Na festa religiosa pesquisada observamos uma aceitação grande pela “festa profana”, tanto que o próprio poder público apoia os blocos carnavalescos e investe maiores recursos na contratação de bandas, que propriamente na organização ou acompanhamento dos ritos religiosos, talvez por entendê-las separadas. Esta outra “procissão” que tem por objetivos beber, cantar, dançar, seguir um som estridente e ensurdecedor, dando espaço muitas vezes ao rompimento de certos comportamentos, vem formar o que Sloterdijk (2000, p. 17), ao citar Canetti, enfatiza ser a “massa-ajuntamento”:

Somente todos juntos podem libertar-se de seus fardos de distância. É exatamente isto que acontece na massa. Na *descarga* são eliminadas as separações e todos se sentem *iguais*. Nessa densidade, já que quase não há lugar entre eles, um está tão próximo do outro quanto de si mesmo. Por causa desse feliz momento em que ninguém é *mais*, ninguém é melhor do que o outro, as pessoas se tornam massa.

Diante do apresentado, esperamos que a pesquisa possa contribuir para a reflexão acadêmica de forma geral quanto à sociedade sergipana e propriaense, especificamente, pois entendemos ser um assunto de valor tanto às Ciências Sociais, quanto à construção de novas idéias no espaço acadêmico para os que pretendam realizar outras pesquisas sobre a festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá, ou galgar degraus nos vastos espaços criados pelo campo das festas religiosas.

1 OS PREPARATIVOS DA FESTA

1.1 A origem da festa de Bom Jesus dos Navegantes

A cidade de Propriá, apesar de todo o seu desenvolvimento comercial, sempre teve uma parte da sua população vivendo da pesca no rio São Francisco e do plantio e colheita do arroz beneficiado nas fábricas lá existentes. Embora com maioria de sua população formada por um povo de valores materiais escassos, mas rico na sua fé e crente no Senhor Bom Jesus dos Navegantes – eleito pelos pescadores e navegantes do rio como seu protetor –, é nela que se gesta a comemoração que marca a cidade: a festa do Bom Jesus dos Navegantes.

Documentos registram ser a data 21 de fevereiro de 1866, através da resolução provincial nº 755, responsável pela mudança da vila de Santo Antônio do Urubu de Baixo à elevação de cidade, com o nome de Propriá. Não existe uma definição histórica da mudança de “Santo Antônio do Urubu de Baixo” para “Propriá”, mas moradores mais antigos guardam na memória que o nome escolhido surgiu da pesca do “Piau” – tipo de peixe da água doce existente em abundância no rio São Francisco e na lagoa do Sr. João Baía. Era tanto peixe que se pescava usando pedaços de pau. Criou-se então a expressão “pesca do pau piau” ou do “puro piau” chegando-se posteriormente a Propriá. Historiadores sergipanos acreditam, no entanto, que a mudança do nome tenha sido forçada pelo desenvolvimento da cidade considerada à época, a “Meca” da região, o que não combinava com o nome de “Urubu de Baixo”.

No início do século XX, o município embora não se constituindo em um dos maiores em número de habitantes, já detinha um poder econômico destacado dos demais. As festas, religiosas ou não, arregimentavam maior número de participantes, até porque era detentor de um grande comércio, e possuía uma feira que até nos dias atuais é referência para os municípios mais próximos, instituições educacionais confessionais de renome nacional, instituições financeiras que chegaram a contabilizar um total de doze agências bancárias, e clubes sociais com grande número de associados frequentadores assíduos, o que contribuía para que os festejos tivessem uma boa participação popular. Em especial, a cidade conta com a festa do Bom Jesus dos Navegantes que sempre se apresentou como um marco para a cidade.

Avançando nas buscas por informações sobre o festejo e o santo, visitamos durante os preparativos da festa do Bom Jesus dos Navegantes de 2008, a capela onde durante todo o ano fica a imagem do Bom Jesus dos Navegantes. Procuramos conversar com as pessoas que lá se encontravam envolvidos com os preparativos da charola⁵ e do santo para a primeira procissão, e pudemos ouvir o Sr. José Luiz que nos relatou seu conhecimento sobre a origem da festa nos informando ter esta se iniciado como forma de pagar promessa feita por dois pescadores no início do século XX.

Segundo o morador, os pescadores se viram envoltos em uma tormenta nas águas do rio São Francisco e valendo-se da fé no santo considerado protetor dos pescadores e navegantes, prometeram que se salvos, realizariam todos os anos, em janeiro, mês de rio cheio, uma procissão fluvial em sua homenagem, o que nos leva a crer da existência de uma comemoração iniciada pela comunidade de pescadores.

No jornal Correio de Propriá de nº 15⁶, consta que em 1921 foi realizada a primeira festa do Bom Jesus dos Navegantes em Propriá com definição de uma comissão organizadora formada pelos senhores Xavier Monte, João Rezende, Sátiro José da Cunha e Antônio dos Santos Veloso, fazendo-nos acreditar que a partir deste momento a festa passa a ter uma visualização que as comemorações realizadas pelos pescadores não tinha ainda alcançado. Verificamos, ainda, que em 12 de janeiro de 1962 o Monsenhor Afonso Chaves faz ciente ao povo em geral, que “na última semana de janeiro será celebrada pomposamente em Propriá, a festa de Bom Jesus dos Navegantes.” Estava definido assim, o período para os festejos ao Bom Jesus dos Navegantes em Propriá.

Necessário se fez buscarmos referências que nos levasse ao entendimento sobre a escolha do santo Bom Jesus dos Navegantes, e Pereira (2004) em sua obra *O sincretismo religioso e ritos* traz afirmações de que a devoção ao Bom Jesus no Brasil se inicia no período quinhentista, com a vinda dos padres jesuítas e outras ordens religiosas para trabalhar a catequese nas tribos indígenas. Para o autor, nesse período a igreja oficial tentou solucionar o conflito entre o catolicismo popular com o romanizado⁷, implantando a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, o qual ficou em evidência em detrimento dos santos tradicionais que passaram a ser esquecidos, ou simplesmente colocados em segundo plano, pois a partir dessa

⁵ Charola: andar; padiola sobre a qual se conduzem imagens de santos em procissão.

⁶ Informações prestadas pelo Dr. João Fernandes Britto Aragão, médico e pesquisador, retiradas do seu acervo particular, e enviada à pesquisadora por *e-mail* em 5 de maio de 2009.

⁷ Entende-se por catolicismo romanizado ou romanização o processo de reformas religiosas iniciado no século XIX (1846-1878), que tinha a intenção de implantar o mesmo modelo (o romano) no mundo todo.

medida estaria garantindo a aquisição e manutenção do seu rebanho contra qualquer outro tipo de credo religioso.

Entra assim, no Brasil, nesse processo de implantação de devoções tipicamente européias em substituição às devoções de cunho mais popular, a devoção ao Bom Jesus, indo se desenvolver principalmente nas camadas mais pobres da população. Vamos encontrar ainda em Pereira (2004, p. 49) a confirmação de que em Sergipe os jesuítas como outras ordens religiosas foram responsáveis pela catequização dos nativos, tendo edificado conventos e erigido capelas: “[...] os jesuítas foram pois, os primeiros catequistas de Sergipe. Edificaram o seu convento junto a São Cristóvão, além dele, edificaram capelas nos engenhos de sua propriedade [...]”

Entendendo que Sergipe possui o menor espaço territorial dentre os demais estados brasileiros, acreditamos que a propagação ao santo tenha alcançado muitos municípios sergipanos, em especial os ribeirinhos, detentores de uma população em sua maioria formada de pescadores e Propriá não fugia a este modelo na época. E para melhor situar o leitor no espaço temporal e geográfico, fazemos a seguir, uma exposição breve sobre a localização da cidade de Propriá.

Distando da capital Aracaju, 98 km por estrada asfaltada, a BR-101, uma das mais importantes rodovias brasileira, Propriá está localizada entre quatro capitais nordestinas: Salvador-BA, Aracaju-SE, Maceió-AL e Recife-PE. É chamada pelas populações ribeirinhas como a “princesinha do Baixo São Francisco”, e faz divisa ao norte com o Estado de Alagoas sendo separada pelo Rio São Francisco conforme apresentamos na figura a seguir.



Figura 1 – Mapa rodoviário do Nordeste Brasileiro

Fonte: Ministério dos Transportes

A privilegiada localização geográfica, sua força política, e o dinamismo da cidade e da zona rural da região, foram fatores preponderantes para que novas indústrias, fábricas de óleo de caroço de algodão, de calçados e de arroz, ali se instalassem, como as Usinas de Beneficiamento de Arroz São José, Laurita, São Carlos, Poderoso e Filhos Ltda., Nacional Moagem, e a Usina de Beneficiamento de Fibra de Algodão e tecelagem, o que fez de Propriá a segunda economia do Estado de Sergipe na década de 40 do século XX.

A necessidade de escoamento da produção local tornou imprescindível a construção de cais na cidade, processo que foi iniciado em 1951 e concluído em 1953, propiciando uma melhoria ao transporte das balsas, canoas de toldas⁸ e navios, além de facilitar o acesso de feirantes e comerciantes de outros municípios ribeirinhos. Propriá dispunha já nesse período, de via férrea, rodoviária (mesmo precária), e fluvial, além de ser atendida por um hidroavião da Varig que fazia o transporte de passageiros para Aracaju e Maceió-AL. Esses fatores colocavam a cidade no centro das atenções em todo o baixo São Francisco, e as suas festas apresentavam-se como as mais concorridas.

⁸ Símbolo maior do transporte fluvial à época entre o médio e o baixo São Francisco.



Figura 2 – Construção do cais em Propriá I
Fonte: Acervo de domínio público



Figura 3 – Construção do cais em Propriá II
Fonte: Acervo de domínio público



Figura 4 – Estação ferroviária de Propriá, hoje desativada
Fonte: Acervo de domínio público



Figura 5 – Hidroavião Catalina
Fonte: Acervo de domínio público

As festas religiosas nas cidades brasileiras giram normalmente em torno do seu santo padroeiro, que invariavelmente é o mais importante da localidade, sendo seu festejo o mais concorrido durante o ano. Em Propriá, a festa ao padroeiro da cidade, Santo Antônio, não tem este alcance. Ao longo dos anos, o festejo é comemorado pela população local com atos tradicionalmente religiosos, e esta tradição deve-se desde o povoamento do município por missão jesuíta no século XVII, denominando-a de Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo. Posteriormente, já no século XX, com o início de sua construção em 1937, a igreja matriz recebe o nome de “Igreja Matriz de Santo Antônio”. A construção foi concluída em 1959, tendo à frente o cônego José Curvelo Soares. O nome já instituído à igreja e ao santo escolhido como padroeiro, Santo Antônio, foi preservado.



Figura 6 – Igreja antiga
Fonte: Acervo de domínio público



Figura 7 – Igreja reformada, hoje Catedral
Fonte: Acervo da pesquisadora

São muitas as cidades que têm o Santo Antônio como padroeiro, sendo ele um dos santos mais queridos do Brasil. É um santo português, nascido em Lisboa e também um dos mais populares e cultuados em Portugal. Segundo os portugueses, a ação de Santo Antônio era fundamental na guerra, e seu nome funcionava como arma contra perigos imbatíveis. É o santo com maior número de freguesias, em torno de 228, conforme afirma Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1969). Ao que parece, essa sua popularidade se deve a sua múltipla especialidade: santo casamenteiro, santo das coisas perdidas e santo do “pão dos pobres”.

No Brasil, teve papel de destaque na área militar dada as revoltas existentes, e durante as quais era invocado. E tanto fez ao lado das forças armadas brasileiras que recebeu patente e mesmo soldo em várias companhias do exército brasileiro⁹; contou ainda com o apoio financeiro dos militares e prestígio às suas igrejas, obras e festas. É incontável o número de homenagens a Santo Antônio com igrejas construídas em seu louvor, nomes de ruas, praças, pessoas, e outros, na história e geografia brasileira. Atualmente Santo Antônio não é mais cultuado como militar, e sim como casamenteiro e deparador de coisas perdidas.

A celebração ao Santo Antônio em Propriá não acontece com muita pompa; conta com a participação da Igreja Católica, seu Conselho Paroquial e a própria comunidade religiosa e devota, que se responsabiliza para que em cada noite iniciada no dia 1º e finda no dia 13 do mês de junho, tenha sua comemoração mais destacada e fervorosa; é a

⁹ Câmara Cascudo anota que Santo Antônio recebeu patente em Portugal, como capitão, em “Fortaleza da Barra, em 1706, Sargento-mor em 1810 e tenente-coronel em 1814, com soldo [...] até 1907. Em SP foi Coronel, Capitão em Goiás, soldado na Paraíba e Espírito Santo, Tenente-coronel no RJ em 1814. Tenente no Recife, Grão Duque da Ordem de Cristo em 1814 dada pelo Príncipe Regente D. João, embora desacompanhado de documentos.” (CASCUDO, 1969, p. 126).

comemoração da Trezena ou Trezenário de Santo Antônio, ficando a responsabilidade pela organização das missas e ornamentação da igreja para cada grupo específico. Ficou claro ainda durante as investigações feitas por nós, que a participação do poder público local se faz apenas com a concessão do carro de som, compra de fogos e decoração do andor para a procissão que ocorre no 13º dia, decretado feriado municipal, por ser o dia do padroeiro da cidade.



Figura 8 – Procissão de Santo Antônio
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 9 – Imagem de Santo Antônio – Padroeiro da Cidade
Fonte: Acervo da pesquisadora

Alguns moradores mais recentes da cidade acreditam que os festejos a Santo Antônio com data definida, dia 13 do mês de junho, marcando o início do ciclo junino e muito próximo dos festejos de São João e São Pedro, tenham contribuído para que as celebrações ficassem direcionadas apenas aos atos litúrgicos. Sendo um mês tradicionalmente festejado em todo o Nordeste do Brasil com o ritmo quente do forró, contribui para que as celebrações a Santo Antônio fiquem direcionadas apenas aos ritos católicos. É um período que a maioria das pessoas busca as cidades com tradição dos festejos juninos em Sergipe, como Estância, Areia Branca e a capital Aracaju, com o Forró Caju, e outras cidades de estados próximos como Caruaru-PE e Campina Grande-PB. Daí os festejos ao Santo Antônio em Propriá, não terem participação grande da população local e de municípios vizinhos, ficando voltados apenas para o trezenário e que culmina com a procissão como vista na foto acima, acompanhada por homens e mulheres devotos do santo.

Outros moradores mais antigos concebem ser a festa menos concorrida por escolha da própria população que acata a decisão da igreja em realizar somente os ritos religiosos,

permitindo apenas a trezena¹⁰ ou trezenário de Santo Antônio, quando são realizadas as missas em Ação de Graças pelos grupos específicos como: comerciantes, motoristas, viúvas, família, associação de bairros, doentes, casados, pastoral da criança, escolas públicas municipais e estaduais, escolas privadas, assentados, entre outros segmentos, e a procissão. Estas categorias arrecadam dinheiro para que a noite que lhe é dedicada, seja a mais marcante, daí ficando toda a despesa por conta de cada grupo e a sobra dos recursos arrecadados é doado à igreja, como informou uma participante da noite das viúvas.

Ainda existem os defensores de que a festa ao Santo Antônio, tendo objetivos só religiosos, foi sobreposta pela Festa do Bom Jesus dos Navegantes que apresenta um misto de sagrado e profano, e acontece no início do ano com maior aparato e envolvimento tanto da população quanto do poder público local, fazendo com que alguns jornalistas e visitantes compareçam à festa de janeiro, convictos de estarem participando de um festejo de santo padroeiro.

As diversas opiniões aguçam nossa curiosidade e interesse em pesquisar mais profundamente sobre a festa de Bom Jesus dos Navegantes, pois embora não se tratando de um santo padroeiro, esta consegue manter-se como uma festividade perene, estando inclusa no calendário cultural de Sergipe. Porém, acreditamos que outros fatores podem estar mantendo acesa esta tradição de comemoração ao Bom Jesus dos Navegantes.

1.2 Participação da Igreja Católica, da comunidade e do poder local na organização da festa

Embora não se tenha encontrado nenhum documento que registre quando ou por iniciativa de quem, existe uma capelinha que foi erigida para guardar o santo e sua charola situada entre as ruas Presidente Getúlio Vargas e Serapião de Aguiar, como apresentamos no mapa a seguir. Está localizada em uma área residencial, porém próxima ao centro da cidade, de espaço físico bem reduzido e aberto à visitação pública principalmente aos sábados, quando um maior número de pessoas vindas de municípios vizinhos para a feira, resolvem aproveitar para visitar o Bom Jesus. Este é um dos momentos para diante do santo, renovar sua proteção, orar, ou simplesmente agradecer as graças alcançadas.

¹⁰ Espaço de 13 dias de devoção e rezas.



Figura 10 – Localização da Capela do Bom Jesus dos Navegantes

Fonte: IBGE – Mapas de Municípios

Os festejos religiosos ao Bom Jesus iniciam-se com uma missa celebrada em frente à capelinha onde durante todo o ano o santo permanece, só saindo neste período quando é realizada a grande festa – o penúltimo domingo do mês de janeiro – seguido por uma multidão de fiéis que acompanham o santo de pés descalços ou vestidos com trajes semelhantes ao do Bom Jesus, como forma de pagar graças alcançadas.

A capelinha e o santo ficam durante todo o ano sob os cuidados da D. Vera Maria, jovem senhora devota e conhecida da comunidade, e que já se encontra responsável pela capela e a imagem do Bom Jesus, zelando e cuidando, há vários anos. A religiosa relatou que tomou esta decisão depois de passar por uma cirurgia delicada e ter seu pedido alcançado. Ela disse em seu depoimento: “obtive alta em Aracaju e fui trazida para Propriá justamente no domingo quando o santo saíria em procissão para a Catedral”, e conta que a partir daquele momento prometeu que as chaves da capelinha iriam permanecer sob seus cuidados. A capela sempre esteve sob cuidados de populares, a exemplo de D. Vera.



Figura 11 – Capela do Bom Jesus dos Navegantes
 Fonte: Acervo da pesquisadora

No período da festa, D. Vera conta com o apoio de diversas pessoas, para a arrumação da capela, desde pintura, se necessário, até a ornamentação do palanque onde será celebrada a primeira missa da semana, além dos vizinhos e conhecidos a quem ela pede ajuda financeira para comprar flores e tecido para arrumar o andor e o palanque que é colocado em frente à capelinha.

Em janeiro de 2009, realizamos visita à capela durante os preparativos para a saída do santo para a catedral, no domingo anterior ao da grande comemoração. Na madeira nobre em que está assentada a canoa sobre o andor que transporta o santo, estão gravados os nomes de duas cidades conhecidas pela população ribeirinha do baixo São Francisco: Penedo-AL e Propriá-SE, além do ano de 1926.

Já sabíamos da existência de um artesão da cidade de Penedo-AL, de nome Cesário Procópio dos Martyres, falecido em 5 de janeiro de 1956, e reconhecido pela população da cidade como o “Aleijadinho Penedense”. Ele foi o escultor do Bom Jesus de Penedo, também datado do início do século XX. Além das coincidências nas imagens dos santos, perguntamos aos presentes que ornamentavam a charola, se teriam informações sobre ter sido do mesmo escultor, e o Sr. José Luiz de Souza teceu o seguinte comentário:

Eu sempre soube que este foi um dos primeiros a ser esculpido por um artesão de Penedo só não sei o nome e este eu acho é mais bonito que o de Penedo. Por melhor que seja o artista ele não consegue fazer dois santos iguais, sempre vai ter diferenças, o nosso é mais bonito. Quanto à data, acho que é a de entrega do santo aqui em Propriá.

Visitando alguns sites, encontramos o artigo *Mestre Cesário e sua obra*, de autoria do professor Ernani Méro, publicado em janeiro de 2007, no “*Blog da Martha Martyres*”¹¹, radialista e historiadora da cidade de Penedo-AL, e neta do artesão referido, que nos confirma a informação quanto a ser o escultor Cesário Procópio o autor das imagens do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo, concluída em 1915, de Propriá, além de outros municípios como Piaçabuçu, Pontal da Barra, Jaraguá, como também escultor das imagens de Senhor Morto e Senhora Divina Pastora de Junqueiro, Senhor Morto de Neópolis, São Miguel Arcanjo que se encontra na Igreja das Correntes de Penedo, e outras tantas esculturas em madeira espalhadas pelo Brasil, como a de São João Evangelista que se encontra em uma igreja do bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro-RJ.

Todos os anos a festa do Bom Jesus dos Navegantes é capitaneada pela paróquia de Propriá, tendo à frente o Reverendíssimo Dom Mário Rino Sivieri, bispo da diocese desde 1997, o pároco Monsenhor Oudair Francisco e o Conselho Paroquial que convidam os representantes das comissões dos mastros – elemento também importante ao festejo –, o poder local, através das secretarias de Cultura e Meio Ambiente, além de representantes da Polícia Militar e da Marinha a reunirem-se para elaborar então a programação da festa que, embora tenha seu ponto alto no último domingo do mês de janeiro, na semana que o antecede já acontecem as primeiras celebrações religiosas e culturais.

Segundo depoimento do pároco da cidade, Monsenhor Oudair Francisco, à pesquisadora, “o convite é feito aos segmentos que consideramos serem responsáveis para que tudo transcorra bem durante o evento, mas poucos aparecem; o que é de todos parece ser só de responsabilidade da igreja.” O tema escolhido para a festa, segundo membros do Conselho Paroquial, tem seguido ao lançado pela Campanha da Fraternidade. Em 2009 foi “Bom Jesus: palavra viva que nos leva ao Pai”. Como ainda participamos dos festejos de 2010, tomamos conhecimento do tema para a festa deste ano: “Com Bom Jesus caminemos juntos rumo ao Jubileu Diocesano”.

Quando inquirimos junto ao monsenhor, sobre a participação do poder local nos preparativos religiosos, ele declarou: “a prefeitura tem contribuído com o apoio logístico

¹¹ O texto está disponível em: <<http://blog.penedofm.com.br/2007/01/06/o-mestre-cesario-e-sua-obra/>>.

como iluminação das ruas, armação e iluminação do palanque onde serão celebradas as missas durante toda a semana, nos bairros onde situam-se os mastros e a missa final em frente à catedral.”

Ao questionarmos um dos membros do Conselho Paroquial, ficou claro que o município conta com a parceria do Estado na contratação de bandas e trios elétricos, além do apoio de outros segmentos, como a Sociedade SEMEAR¹², o Rotary Clube da cidade, e a comunidade local, para algumas etapas do Encontro Cultural.

As festas profanas sempre aconteceram concomitantemente à festa religiosa, fosse nos bailes em clubes, na existência de parques de diversão com a presença do carrossel, da roda gigante e do barco, além das competições náuticas. A partir de 1985, os bailes deixam o espaço privado dos clubes e ganham as ruas e praças, com as chamadas “festas de largo” onde se apresentam bandas, artistas locais e de renome nacional e os trios elétricos conforme detalhado mais tarde.

Conforme destaca Del Priore (1994, p. 100), “a festa é uma expressão teatral de uma organização social e também um fato político, religioso e simbólico.” Para Tinhorão (2000, p. 15), “as primeiras músicas e cantos populares que foram ouvidos em festas públicas e em solo do futuro Brasil faziam parte do mundo rural Português.” Mas também a musicalidade negra se fazia presente nas festas dedicadas a São Gonçalo sempre inspirando desagrado das autoridades eclesiásticas uma vez que eram sinônimos de comportamentos não cristãos e com vestígios de paganismos.

Daí até hoje, nas festas religiosas existir essa mescla entre sagrado e profano, como deixa claro Brandão (1978, p. 37), ao descrever a festa do Espírito Santo em Pirenópolis, no Estado de Goiás, que “combina rituais religiosos da igreja católica, conservados e redefinidos popularmente pelas tradições locais, com eventos paralelos de caráter igualmente popular, e considerado na cidade como festejos profanos”, vindo a concordar com Priore e Tinhorão, ao mencionar que por trás de toda festa religiosa existe uma profana.

Como toda festa dos interiores brasileiros, a de Bom Jesus dos Navegantes possui seu lado sagrado e também profano, constituído pela parte artística que envolve o festejo; do início até 1984 a festa se resumia aos bailes oficiais do sábado que antecedia ao domingo festivo, quando tradicionais orquestras abrilhantavam a noite, como Cassino de Sevilha e Los

¹² Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos que disponibiliza o seu espaço físico, onde funcionou a antiga Escola Técnica de Comércio de Propriá, construída pela diocese com o apoio da Misereor (entidade católica alemã de apoio a projetos sociais).

Guaranis – esta última genuinamente sergipana, ainda existente, porém com alguns componentes substituídos, que criavam, assim, uma concorrência entre os clubes locais pela busca em ofertar o melhor para o seu grupo seletivo de associados.

Para a garotada e a população em geral existiam as quermesses ao lado da Matriz de Santo Antônio e o parque de diversões sempre montado na Av. Tavares de Lira, centro comercial de lojas, bancos e também da tradicional feira de Propriá, sendo nesse período ocupado pelas bancas de jogos permitidos, os carrrosséis, barcos impulsionados por cordas e a roda gigante, maior símbolo dos parques de diversões da época.

A única emissora de rádio da cidade animava a festa com músicas, ficando o seu locutor responsável pelos recados anônimos enviados pelos rapazes às suas pretendentes com ofertas de músicas durante os festejos. Assim, Propriá mantinha um clima de festa por toda a semana durante as noites de janeiro, e pelo dia o seu comércio movimentava cifras que garantiam um olhar confortador aos comerciantes e agências bancárias, e aos cofres públicos do município maior arrecadação de impostos.

Era comum para realização da festa – que contava com as comissões definidas pelo poder local e pela igreja católica – já nos últimos meses do ano se ver um grupo de senhores pescadores ou descendentes, tocadores de pífaros¹³ e zabumbas, carregando junto com eles uma réplica em miniatura da imagem do Bom Jesus em sua barca, pedindo ajuda financeira para a ornamentação da charola do santo, pelas casas, pelo comércio e até na feira livre da cidade, como também para decoração do mastro votivo localizado em um dos bairros da cidade, conhecido como Tecido, e que tem um marco especial dentro do festejo, como abordaremos a seguir.

1.3 Os mastros tradicionais e o Encontro Cultural de Propriá: elementos distintos, porém contíguos

Levantado antes das festas de cortejo, o mastro votivo¹⁴ é elemento simbólico de grande importância nas comemorações coletivas e caracteriza o centro energético da festa. É o sentido concreto da verticalidade, unindo Terra e Céu, vivos e mortos, corpo e alma. A dança

¹³ Instrumento de sopro semelhante à flauta e de sons agudos.

¹⁴ Aquilo que é **relativo a**, ou **oferecido em voto**.

em torno do mastro recria as reuniões primeiras do homem em torno do fogo sagrado em idêntica busca de luz. Aquele que toca e beija o mastro terá muita sorte, receberá muitas graças. Nos dias consagrados aos santos católicos, os mastros são levantados Brasil afora, ornados e encimados pela bandeira do homenageado¹⁵.



Figura 12 – Mastro da Quintino Bocaiúva ou Tecido
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 13 – Topo do mastro I
Fonte: Acervo da pesquisadora

Existem duas versões para o surgimento dos mastros na cidade de Propriá. Contam alguns moradores mais antigos que o primeiro mastro surgiu por iniciativa da comunidade em sua maioria pescadores, moradores do bairro Tecido, como manifestação de fé e louvor ao Bom Jesus dos Navegantes. A outra versão ressalta que o surgimento dos mastros foi em decorrência das corridas de pequenas canoas que eram realizadas como forma de diversão nos finais de semana pelos pescadores. Por necessidade de demarcar o local da chegada, fincavam o mastro com uma bandeira não deixando, dessa forma, dúvidas sobre os resultados da disputa¹⁶.

As comunidades possuidoras de mastros têm uma comissão organizadora formada por moradores do local e que ficam à frente do evento, desde a decoração, passando pela missa que é celebrada em cada mastro, na semana da festa, e o *show* pirotécnico que ocorre no encerramento da missa e no dia oficial da festa. Já é notada na segunda quinzena do mês de janeiro uma movimentação nos bairros por conta da preparação dos seus mastros votivos.

¹⁵ Ver mais a respeito no site disponível em: <<http://www.preac.unicamp.br/casadolago/apres.htm>>. Acesso em: 2 abr. 2009.

¹⁶ Não foram encontrados registros sobre este fato. Apenas nos valem dos relatos de descendentes ou antigos pescadores da cidade.

Cada coordenador busca seus patrocinadores com certa antecedência, realiza bingos e rifas a fim de arrecadar a maior quantia possível em dinheiro para comprar fogos que serão utilizados durante a comemoração. Entrevistamos o Sr. Marcos Bezerra que é o coordenador do mastro do bairro da Poeira que nos relatou:

Não sou pescador nem filho de pescador, mas sempre morei aqui e acompanhei a festa do mastro. Há 14 anos estou responsável pelo mastro da Poeira, mas cada ano tem sido mais difícil conseguir bons patrocínios, mas como o nosso objetivo maior é ter muitos fogos para soltar, então se não houver patrocínio apelo para bingos e rifas, saio pedindo aos mais conhecidos no comércio e se mesmo assim não conseguir o suficiente, os componentes da comissão assumem a despesa. O que não pode faltar são os fogos. A solta dos fogos foi a maneira que a gente encontrou para agradecer a proteção e os pedidos que fizemos a Bom Jesus dos Navegantes, além de ser um show à parte. Todos ficam esperando pelo mastro da Poeira!

Na cidade há quatro mastros votivos que se encontram intrinsecamente ligados ao festejo, sendo dois permanentes e dois móveis: o mastro da Poeira e o da Av. Prefeito Nelson Melo têm esta última característica. São colocados 15 dias antes de acontecerem as missas dos mastros e retirados 15 dias após o encerramento das festividades, guardados em local seguro, conduzido por um grupo de pessoas e batuqueiros que carregam os mastros até o local onde ficará guardado para a festa seguinte.



Figura 14 – Mastro da Av. Prefeito Nelson Melo (Pau-de-Arara)

Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 15 – Topo do mastro II

Fonte: Acervo da pesquisadora

Também entrevistamos o coordenador do mastro da Av. Prefeito Nelson Melo, Sr. José Teodoro dos Santos, 58 anos de idade, há 9 anos coordenador deste mastro. Ele nos informou sobre a retirada e colocação do mastro, mas não sabia precisar como ou porque se iniciou a colocação deste.

O mastro votivo é preparado com tronco de árvore de 5 a 10 metros de altura, é um dos elementos simbólicos importantes na festa. Sua presença assinala que a casa ou local se encontra em período de festa. Costuma ser pintado ou enfeitado com folhas, frutos, bebidas e fitas coloridas. De acordo com Câmara Cascudo (1969, p. 469), “os mastros votivos são reminiscências dos cultos agrários, homenagens propiciatória às forças vivas da fecundação.”

Na semana de comemoração ao santo há celebração de missas¹⁷ nos bairros que têm seus mastros ornados para a festividade. Inicia-se com o hasteamento das bandeiras do Brasil, do Estado e do Município com a participação de autoridades locais como o prefeito e seu secretariado, demais autoridades, comunidade, organizadores dos mastros e a Banda de Música Municipal. Os moradores do bairro concentram-se em volta do mastro e noite após noite dão brilhantismo ao festejo do Bom Jesus dos Navegantes, com orações, cânticos, danças e bebedeiras, já se tornando um espetáculo à parte para o visitante que na cidade chega. Assim é configurada a festa dos Mastros como elemento simbólico na festa do Bom Jesus dos Navegantes.



Figura 16 – Foto do mastro com as bandeiras/comissão organizadora

Fonte: Acervo da pesquisadora

¹⁷ Estas missas ocorrem durante a semana que antecede o domingo da festa maior. A partir das missas celebradas em cada mastro, fica sob a responsabilidade dos organizadores conduzirem as festividades em seus bairros.



Figura 17 – Missa campal em um dos mastros votivos
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 18 – Imagem do Bom Jesus ao lado do mastro votivo
Fonte: Acervo da pesquisadora

Além da festa dos mastros, no transcorrer das nossas investigações sobre o festejo em 2009, encontramos residindo em Aracaju a Sr^a. Conceição Gomes Sobral, uma ex-moradora do bairro Tecido, que colabora com a decoração do mastro do Tecido, seu bairro de origem em Propriá, que concordou em nos passar algumas informações sobre a sua participação com relação à criação do bloco religioso “Alvorada dos Navegantes”, e o objetivo deste. A criação do bloco religioso e suas atividades no dia solene da festa serão detalhados no terceiro capítulo.

De acordo com o Monsenhor Oudair Francisco, os blocos carnavalescos que também abrilhantam o festejo, em outros anos chegaram a competir com as celebrações das missas, sendo necessária a interferência dele, solicitando aos organizadores atenção aos horários dos rituais litúrgicos. Atualmente, os festejos artísticos são iniciados em horários não paralelos aos religiosos; abrem aos festejos antes dos rituais religiosos e os encerram após a procissão de devolução do santo à sua capela de origem. Embora grande parte dos visitantes já tenha deixado a cidade, é um momento mais voltado para os que nela ainda permanecem ou que lá residem de participarem de um outro tipo de procissão, de um público mais jovem, pois “para o indivíduo a atmosfera não é de descarga mas de descontração. Inexiste uma meta que seja a mesma para todos e que todos tenham que alcançar em conjunto. A própria festa é a meta e esta já se atingiu.” (CANETTI, 1995, p. 61).



Figura 19 – Banda de bloco carnavalesco
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 20 – Bloco carnavalesco
Fonte: Acervo da pesquisadora

Entendemos que as festas religiosas e, em especial dos interiores, necessitam também de atividades artísticas, pois são atrativos para visitantes, moradores e ex-moradores que no caso de Propriá já criaram o hábito de retornar à cidade neste período. Também para os pequenos empresários (donos de parques de diversão e pousadas), para o comércio e vendedores ambulantes é o momento de unir trabalho e diversão, pois este período se configura como de aquecimento no comércio local com a venda de confecções e acessórios que serão utilizados na festa, também o aumento na venda de bebidas, comidas e ainda a compra de lembranças da festa, como santinhos diversos, réplicas do santo homenageado e outros adereços ofertados durante o festejo.

E foi pensando em manter um público constante e participativo durante a semana que acontece a festa em Propriá, que no ano de 1984, há quase três décadas, a Sra. Maria das Graças Nascimento mais conhecida como “D. Menininha”, nessa época coordenadora do Centro Social Urbano (CSU), idealizou o I Encontro de Propriá, levando a proposta para o então governador do Estado, Dr. João Alves Filho. Em 1985, com o objetivo de resgatar as mais variadas formas de manifestações culturais e artísticas, de incentivar o surgimento de novos talentos e de difundir o potencial cultural da terra, com apoio do governo do Estado realizou-se na gestão administrativa do Sr. Luiz de Medeiros Chaves (1984-1988)¹⁸, a I Semana Cultural de Propriá, posteriormente transformada em Encontro Cultural de Propriá, destaque dado pelo jornal *Gazeta de Sergipe*, de 22 de janeiro de 1985, ao noticiar sobre a festa do Bom Jesus dos Navegantes, enfatizando também a presença do governador e de autoridades municipais.

¹⁸ Todos os períodos de gestão administrativa municipal aqui apresentados foram cedidos pela Câmara de Vereadores de Propriá, em janeiro de 2010.



Figura 21 – Recorte do jornal *Gazeta de Sergipe* (22.01.1985)

Fonte: Arquivo Público do Estado de Sergipe



Figura 22 – Recorte do jornal *Gazeta de Sergipe* (29.01.1985)

Fonte: Arquivo Público do Estado de Sergipe

Necessário se faz ressaltar a interseção neste período do então primeiro bispo de Propriá, Dom José Brandão de Castro, junto ao prefeito da época, Sr. Luiz de Medeiros Chaves, na liberação das praças públicas para apresentações folclóricas dos encontros culturais que ocorreram nos anos seguintes, e também do apoio irrestrito dos comerciantes da cidade, conforme outros registros encontrados deixando-se perceber o entrosamento do poder público e da Igreja Católica na consecução de um mesmo objetivo.

O I Encontro Cultural fez ressurgir grupos folclóricos como o “Rei do Cangaço”, “Guerreiros Treme Terra”, “Os Novos Lampiões”, e tantos outros que contavam sempre com o patrocínio para vestimentas, calçados e acessórios para as apresentações; os grupos de pífanos e zabumbas, antes esquecidos, foram valorizados pelo Encontro Cultural. Também foram realizadas discussões sobre o desenvolvimento social, econômico e cultural da localidade através dos simpósios organizados: temáticas como “Índio”, “O homem do rio”, “Missões Capuchinhos”, “Cangaço”, e tantas outras que contribuíram para a extensão do conhecimento da história local. Os concursos de poesia, a exposição de artes que mostravam relíquias da cidade até então desconhecidas por muitos, tradições e patrimônio intelectual, eram atividades propostas e presentes ao Encontro Cultural, contribuindo para o desenvolvimento educacional da região.

No período de 1989 a 1992 quando a gestão municipal é assumida pela Sra. M^a das Graças do Nascimento Lima, ou “D. Menininha”, eleita pelo extinto PFL, e idealizadora da I Semana Cultural, os encontros culturais foram realizados seguindo a proposta inicial de sua idealização, inclusive buscando sempre agregar novos segmentos artísticos como mostra de cinema, oficinas e outros.

Muitos outros encontros culturais foram realizados posteriormente, tendo novos nomes na administração municipal: nos períodos de 1993-1996, José Claudio Resende Nunes (PFL); de 1997 a 2000, e de 2001 a 2004, José Renato Vieira Brandão Filho (PT), porém a população local percebia que a cada nova gestão administrativa, ocorriam alterações na programação original voltando-se mais para as apresentações de bandas, trios elétricos e artistas populares reconhecidos pela mídia, enfraquecendo a programação cultural com grupos folclóricos, exposições e concursos. Ainda assim, os encontros continuaram ocorrendo até 2006, quando o novo gestor, José Luciano Nascimento Lima (PFL – 2005-2006), buscou reacender o Encontro Cultural como inicialmente proposto.

Na solenidade de abertura oficial do XXII Encontro Cultural de Propriá, em 2006, o gestor informou à população que naquele ano haveria na programação do evento uma exposição Arqueológica de Xingó, de fotografias, de artes plásticas, além de um seminário destinado aos comerciantes com o tema “Minha cidade, meu empreendimento”, entre outras atrações. A abertura contou com a presença de autoridades militares, vereadores, secretários municipais, diretores de escolas, professores da Universidade Federal de Sergipe (UFS), responsáveis pelo Museu de Arqueologia de Xingó da UFS, presidente da Sociedade SEMEAR e população local. Tudo levou a crer que o encontro voltaria aos seus tempos áureos.

Em 2007, em decorrência da cassação do seu mandato pela Justiça Eleitoral, o prefeito não realizou o XXIII Encontro Cultural. O novo gestor empossado, Paulo Roberto Ayres de Britto (PT), filho da terra, médico por formação, assumiu o município em novembro de 2006 até 2008, sendo reeleito para o período de 2009-2012. Ele promoveu a festa do Bom Jesus dos Navegantes em 2007, porém sem programação para o Encontro Cultural, que foi substituído pelas bandas e artistas sertanejos reconhecidos pela mídia nacional, como já havia ocorrido em gestões passadas.

O prefeito informou à população, que em 2008 o então XXIV Encontro Cultural de Propriá voltaria a acontecer, não mais junto aos festejos de Bom Jesus, no mês de janeiro, mas sim em junho, incorporando-se à festa do padroeiro da cidade, Santo Antônio, e a outro evento que vinha buscando ocupar espaço nas festividades da cidade, o “Forró do Comércio”.

Segundo entrevista concedida pelo prefeito em emissora de rádio local, quando arguido pelo radialista sobre a mudança do Encontro Cultural para junto da festa do padroeiro, ele assim justificou¹⁹:

O Encontro Cultural foi transferido do mês de janeiro para dar maior dimensão tanto a ele próprio que se encontra enfraquecido quanto à festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade que conta com a parceria do Clube de Diretores Lojistas (CDL) local. É objetivo da prefeitura, envidar esforços para consolidar a festa do padroeiro junto ao Encontro Cultural no calendário Cultural de Sergipe.

Por certo que, sendo Santo Antônio o padroeiro da cidade, tanto a igreja quanto o poder local queiram comemorá-lo, objetivando a manutenção da tradição dos santos padroeiros, porque as pessoas tendem a repetir através da festa religiosa, os ritos e atos que conservam a memória e os valores de um povo, tornando a festa do padroeiro um exemplo claro de coletividade, que mistura o momento religioso com outras manifestações, neste caso, a inserção do Forró do Comércio e o Encontro Cultural.

No entanto, o que se observou da opinião de alguns moradores quando inquirimos sobre esta mudança de período para o Encontro Cultural, é que o Forró do Comércio não conseguiu o espaço desejado, pois a festa do padroeiro continua sendo um evento puramente religioso, com participação de devotos ao santo, e o Encontro Cultural nesse período não obteria o alcance desejado. Outros momentos foram cogitados para acontecer este encontro, porém sem nenhuma definição por parte da gestão municipal – o que para muitos tem parecido mais uma questão de não querer revitalizá-lo ou, como declarado por alguns dos entrevistados, apenas “questão política”.

Observando cada fato, podemos entender a realização do Forró do Comércio como uma alternativa dos administradores de reter uma parte da população da cidade mais contagiada pelos festejos juninos, na cidade, porém acreditamos também que os recursos aportados pelo CDL local, em parceria com a prefeitura, ainda não se mostraram suficientes para atrair este público, se tornando assim mais uma atração que não consegue se sustentar como alternativa dos festejos juninos no transcorrer dos anos.

Já a festa do padroeiro Santo Antônio, sendo uma tradição dos cultos religiosos em que a Igreja Católica direciona apenas para os rituais litúrgicos, consegue manter-se no decurso do tempo com a contribuição dos devotos. A devoção, segundo Pereira (2004, p. 43-

¹⁹ Entrevista concedida ao radialista Eugênio Santana, em programa local da emissora Jornal da Ilha que vai ao ar entre 8h e 9h55, aos sábados, na cidade de Propriá-SE, no ano de 2008.

44), “se caracteriza através da fidelidade, ou um compromisso firmado entre aquele que pede algo (os devotos) e aquele que concede o milagre (o santo)” e como já informado, são muitos os segmentos que contribuem para o festejo tradicional de Santo Antônio, não exigindo atrações turísticas diárias, somente apoio da igreja, contribuição de seus devotos e apoio logístico da prefeitura local.

O que percebemos através das falas até aqui apresentadas, é a inexistência de interesse por parte do poder local em ativar o Encontro Cultural de Propriá, como inicialmente idealizado junto à festa do Bom Jesus dos Navegantes. Do lado da Igreja Católica sentimos um certo descontentamento por parte do bispo Dom Mário Rino Sivieri em entrevista dada no ano de 2008, com relação à visibilidade que a população tem demonstrado diante dos festejos religiosos em detrimento dos festejos artísticos, como fica bem claro em seu depoimento concedido à pesquisadora e transcrito abaixo:

A festa está perdendo sua originalidade. [...] Se a origem era uma festa religiosa, hoje ainda é festa religiosa? Para quantas pessoas é festa religiosa? Quantas não se apoderaram da festa para reproduzir um carnaval? No Brasil de tudo se faz um carnaval. Então fazer da festa religiosa também um carnaval é misturar o profano com o religioso [...] este esvaziamento não sei até que ponto é benéfico. Então é uma festa da qual eu gosto, mas quando estou fora também não desgosto. Na verdade, percebo que todo o conteúdo religioso já não existe mais a não ser dentro da igreja. Eu não participo da festa, das missas dos mastros etc., mas a procissão fluvial é uma coisa muito bonita. Mas ao mesmo tempo me faço a pergunta que Jesus fazia, quando falava do apocalipse: “E quando o Filho do homem voltar, será que encontrará ainda Fé sobre a Terra?”

Não participar da festa enquanto profano pode até ser entendido em sua contraposição ao sagrado, entretanto, as missas nos mastros, representam uma hierofania do sagrado mesmo num espaço profano. Essa sacralidade do espaço é percebida pela população, porém do ponto de vista do religioso se mantém enquanto oposição. A procissão fluvial é “uma coisa bonita” ressalta ele. Até que ponto podemos reduzir a procissão a “coisa”? Ora, se a procissão é uma expressão ou um ritual que pressupõe um agradecimento por conta de uma dádiva, como colocado na história desse evento em Propriá, ela é o momento além da fé, do sagrado e do transcendente que está presente dentro de um tempo secular, portanto, todas as representações se complementam.

O afastamento da Igreja do poder local na realização dos festejos ao Bom Jesus dos Navegantes e às atividades artísticas ficam bem visíveis quando o morador (DMB , 62 anos)

entrevistado dá a sua opinião sobre como tem acontecido os últimos festejos ao Bom Jesus de Propriá:

O que temos conhecimento é que para organização dos festejos, a igreja convida os organizadores da festa (prefeitura, Comissão dos Mestros, Polícia Militar) para se discutir o que ou como farão e ninguém aparece. Então, a organização da festa religiosa conta com o bispo e o padre, a população mais devota, o comércio e o seu Conselho Paroquial. Já para os festejos artísticos, o gestor delega uma comissão organizadora, consegue apoio do governo do Estado e contrata as bandas que embora mais caras, não precisam de planejamento como o Encontro Cultural. A população toma conhecimento quando os panfletos chegam às ruas e isto só acontece na semana da festa. Assim a festa acontece. As bandas vão ocupando o espaço do encontro e, para a maioria dos visitantes, o que interessa mais é a diversão que a devoção.

Com a fala desse morador, observamos um certo distanciamento existente entre poder local e Igreja Católica. Embora a prefeitura contribua com apoio logístico e sempre esteja com representação no evento, seja nas missas ou na procissão fluvial, como aconteceu nos anos de 2008, 2009 e 2010 (este último com uma representação grande de vereadores, deputados, senadores e figuras políticas conhecidas no estado de Sergipe), não ficou claro à população o porquê da ausência do Encontro Cultural na festa do Bom Jesus dos Navegantes.

Outra colocação feita pela moradora (JMS, 55 anos), foi quanto à ausência do bispo aos festejos. Segundo a entrevistada:

O bispo viaja no mês de janeiro para a Itália, segundo ele para visitar os parentes, por estar em férias, mas acreditamos que ele não tem gostado de ficar e participar da festa, deixando o padre Francisco responsável pela condução do evento religioso. Eu também não ficaria, porque hoje a festa está perdendo o seu atrativo religioso por conta dos artísticos e acredito que isso ocorra porque as autoridades maiores, poder local e igreja não sentam para discutir juntos a festividade que é de toda a comunidade. Para mim, não adianta mandar representação ou não comparecer. É preciso sentar, os maiores, e discutir o que será melhor para a comunidade, depois então determinem quem fica responsável.

Entendemos o posicionamento da moradora, tendo em vista, como já informado, a igreja procurar a parceria do poder local, no entanto o apoio deste apresenta-se pouco intenso para com a igreja diante da dimensão da festa. Concordamos com Guarinello (2001, p. 972), quando compreende a festa como “uma produção do cotidiano, de caráter coletivo a qual acontece em tempo e espaços exclusivos [...] que implica necessariamente uma estrutura de produção e consumo que vai determinar uma estrutura de poder que, por sua vez tentará impor seus gostos, suas ideologias [...].”

Há os que, aumentando o divisor de águas já criado, sugerem: na festa do Bom Jesus dos Navegantes, a igreja deve cuidar da festa religiosa, a prefeitura dos eventos que atraiam o povo e o turismo, e os desportistas devem cuidar das atividades afins, referindo-se à competições que são organizadas geralmente pelas comunidades dos mastros.

Não discordamos, mas aceitamos a visão sobre festas, apresentada por Duvignaud (1983, p. 67) ao referir-se que “as festas se tornam um instrumento para a comunidade alcançar a sua finalidade última: o mundo reconciliado a partir de um estado fraternal.” Daí nossa concepção de que nas festas aconteçam uma espécie de (re)encantamento da vida, como se a memória do grupo fosse um acervo vivo de experiências a serem reinventadas a cada momento. Daí existir todo um envolvimento da população enquanto moradores, na recepção feita aos que chegam para participar do festejo.

2 BOAS-VINDAS AOS ROMEIROS E VISITANTES

2.1 O acolhimento da cidade

Com a chegada do fim de ano, Propriá sabe que vai receber visitantes para as comemorações. O poder local busca embelezar a cidade para o Natal e o Ano Novo. A Igreja Católica se organiza para os ritos litúrgicos; o poder local, para os artísticos. Na cidade exala-se o cheiro de tinta fresca, cimento e areia: são as casas passando por reformas ganhando uma nova roupagem para receber os filhos ilustres, os visitantes, os turistas, os romeiros e excursionistas que chegarão para as festas.

Mas não só para o Natal e o Ano Novo a cidade está se embelezando; ela se apresenta acolhedora também nos primeiros dias de janeiro. Quem chega a Propriá por terra ou através do rio já recebe os cumprimentos de boas-vindas nas diversas faixas que são colocadas em pontos estratégicos. Assim a cidade se prepara para a festa do Bom Jesus dos Navegantes.



Figura 23 – Faixa de boas-vindas
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 24 – Faixa de saudação aos visitantes
Fonte: Acervo da pesquisadora

Tudo parece transcorrer naturalmente aos olhos de quem está fora da organização do festejo; a igreja e seu Conselho Paroquial se reúnem para discutir os preparativos dos festejos do Bom Jesus, logo após os natalinos. O poder local convoca reuniões com seu secretariado e estes com seus organizadores inclusive os responsáveis pelos mastros votivos para um planejamento antecipado e partem em busca de parcerias com o Estado para auxílio de

recursos com a finalidade de contratação das bandas e trios elétricos. Os organizadores responsáveis pelos mastros já viabilizam rifas e bingos, buscam patrocínios no comércio para que o mastro do seu bairro faça bonito no período da festa.

Os jornais de circulação local e da capital estampam em manchetes o festejo, inicialmente destacando a festa religiosa e sua origem, para posteriormente enfatizar não só a programação religiosa como a artística com a participação de bandas e trios elétricos que abrilhantam o evento reconhecidamente como o maior do baixo São Francisco, deixando ainda mais eufóricos os possíveis participantes. Os jornais buscavam demonstrar o sentido original da festa através das imagens apresentadas, como se observa no recorte de jornal abaixo – o rio envolto por tempestades, a canoa com suas velas içadas para equilibrá-la mediante os ventos e a imagem do Bom Jesus dos Navegantes protegendo a todos, transporte e condutores que dela fazem uso.



Figura 25 – Recorte de jornal *Gazeta de Sergipe* (22.01.1985)
Fonte: Arquivo Público do Estado de Sergipe

Período de festa é momento para o comércio impulsionar suas vendas – do comerciário ao vendedor ambulante local ou vindo de outros municípios e até de outros estados. Todos esperam uma lucratividade maior; neste período tudo se vende. Fernanda Santana veio de Arapiraca-AL na madrugada do domingo da festa em 2009. Na bagagem, 200 peças-miniaturas em madeira com imagens de santos. Cada uma custa R\$ 1,00. Até 16h tinha

vendido metade do estoque. Já Maria Gicélia Bispo trouxe o cunhado, irmão e os pais, e juntos armaram cinco barracas para vender bugigangas. O aposentado José Oliveira Santos saiu de Aracaju na sexta-feira. Há 8 anos ele comercializa bolas, bonés e chapéus na festa de Propriá. As peças artesanais de barro, vindas de Carrapicho ou Santana do São Francisco, também enfeitam as barracas dos artesãos e são muito procuradas.

As mulheres bordadeiras-artesãs de Propriá são famosas pelos bordados conhecidos como ponto de cruz, rendendê puro e rendendê com ponto de cruz – e de outros municípios. Neste período, costumam produzir mais, pois sabem que o que for confeccionado e trazido para Propriá, será vendido tanto para a comunidade local, que quer embelezar sua residência e receber bem seu hóspede, quanto para o grande número de visitantes que estarão neste período na cidade, e que apreciam o artesanato local, levando como lembranças para os que não vieram à festa.



Figura 26 – Bordadeiras na praça
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 27 – Ambulante de imagens sacras
Fonte: Acervo da pesquisadora

Tendo em vista que não há um local apropriado para as bordadeiras exporem seus trabalhos, é comum encontrá-las com suas barracas nas praças próximas à catedral, pois elas percebem que por ali é que passam todos os visitantes, uma vez que o santo fica exposto à visitação pública no período do festejo. Elas acreditam também que estando sob a proteção do santo farão bons negócios. Já os demais ambulantes se misturam com os vendedores de sorvete, picolé, cachorro-quente, churrasquinho, cerveja, refrigerante e tantas outras iguarias, que ficam próximos ao parque de diversão – local por qual passam centenas de pessoas na semana da festa, na conhecida orla ribeirinha.



Figura 28 – Ambulantes no parque
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 29 – Parque intinerante
Fonte: Acervo da pesquisadora

A cidade não conta com grande estrutura hoteleira, só alguns hotéis e pousadas, sendo portanto comum se constatar visitantes trazendo amigos para hospedarem-se em casas de parentes. Estes visitantes e amigos sempre são bem-vindos, pois a cidade já é reconhecida por seu acolhimento. As pessoas gostam de receber bem amigos e parentes, e os amigos dos amigos. Elas se preparam com antecedência para que nada falte, das comidas nordestinas a uma boa conversa.

A cidade possui ainda um atrativo que sempre contribuiu para que ficasse na mira dos visitantes em qualquer época, especialmente nesta: o grande amigo dos ribeirinhos, o Velho Chico, como é conhecido o rio São Francisco pela população que sempre contou com ele nas enchentes e vazantes, e por décadas mudou a paisagem da cidade de Propriá.

O mês de janeiro é reconhecido pelos ribeirinhos como o mês das enchentes, as águas do rio São Francisco são verdadeiros convites a se refrescar. Hoje não existem mais “as grandes cheias”, como são chamadas pela população ribeirinha mais antiga. “As maiores enchentes do século XX ocorreram em 1906, 1919, 1926, 1949, 1960, 1979 e 1983”, como informa Aragão (2002, p. 62) e “mesmo assim nunca foram motivos de preocupação para os proprienses.” Como já eram esperadas, as enchentes nesse período, o comércio se transferia para a parte mais alta da cidade. As águas do Velho Chico transpunham o cais e invadiam as ruas mais baixas, transformando em fato turístico o passeio de barco pelas ruas baixas de Propriá.



Figura 30 – Enchente de 1949
Fonte: Acervo de domínio público



Figura 31 – Enchente de 1960
Fonte: Acervo de domínio público

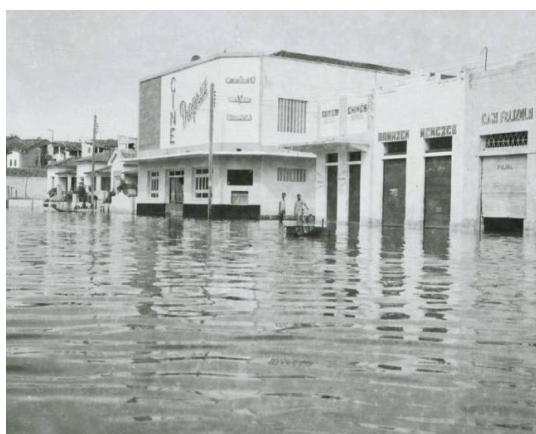


Figura 32 – Enchente de 1979
Fonte: Acervo de domínio público



Figura 33 – Enchente de 1983
Fonte: Acervo da pesquisadora

Desde as últimas enchentes, a vazão do rio tem sido reduzida devido à construção de barragens e hidrelétricas, como as de Paulo Afonso, Xingó, Itaparica, Sobradinho e Três Marias. Porém, até hoje o rio é reconhecido como o principal recurso natural que impulsiona o desenvolvimento regional, gerando energia elétrica para abastecer todo o Nordeste e parte do Estado de Minas Gerais.

Inicialmente chamado de “Opará”, ou seja, rio-mar – denominação dada pelos índios que povoavam as áreas ribeirinhas – o rio passou a ser chamado “São Francisco” por ter sido descoberto no dia dedicado a São Francisco de Assis, santo católico defensor da natureza. Outros batismos lhe foram dados: rio da Unidade Nacional, por representar a força de todas as correntes étnicas do Brasil, porque uniu as raças desde as camadas humanas mais antigas às estruturas étnicas e políticas mais recentes do país. Aproxima o sertão do litoral e integra homens e culturas, e “Velho Chico” pelos mais de 500 anos de existência.

Braudel (1983, p. 22) descreve o rio São Francisco desde sua nascente até a foz, com detalhes geograficamente bem definidos fazendo-nos percorrê-lo imaginariamente:

[...] o rio encontra-se na região são-franciscana, constituída pelas sub-regiões: o alto São Francisco, em Minas Gerais, que vai de suas nascentes até Pirapora, com extensão de 900 km; o médio São Francisco, de Pirapora a Sobradinho-BA, com extensão de 1.300 km; o sub-médio São Francisco, de Sobradinho a Paulo Afonso-PE, com uma extensão de 556 km; o baixo São Francisco, de Paulo Afonso até a foz, cuja extensão é de 375 km. Sua bacia hidrográfica, com 640 mil km² de área, atinge cerca de 450 municípios em sete unidades da Federação, assim distribuídos: 83% de sua área nos estados de Minas Gerais e Bahia; 16% nos Estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe; e 1% no Estado de Goiás e no Distrito Federal. Nesta região vivem hoje 13 milhões de habitantes, aproximadamente 10% da população brasileira.

O rio São Francisco é um espaço vivo, local das relações sociais e laço cultural como observamos na obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (s/d, p. 164), ao referir-se sobre o povo mestiço que pelas suas margens se formou:

É natural que grandes populações sertanejas, de par com as que se constituíam no médio São Francisco, se formassem ali com a dosagem preponderante do sangue tapuia [...]. De sorte que, hoje, quem atravessa aqueles lugares observa uma uniformidade notável entre os que os povoam: feições e estaturas variando ligeiramente em torno de um modelo único, dando a impressão de um tipo antropológico invariável, logo ao primeiro lance de vistas distinto do mestiço proteiforme do litoral.

Um rio que muito antes da vinda da corte portuguesa para o Brasil, já era lembrado, discutido e cantado em verso e prosa, pelo poeta Borges da Silva, e assim transcrito: “Ah! Quando o europeu subir um dia do rio doce a rápida corrente/ Quando do grande São Francisco as margens povoar a lusa gente [...]” (SANTOS, 1981, p. 350).

Como percebido, os rios possuem uma participação efetiva na vida da população ribeirinha tanto no aspecto econômico, como no social e no cultural. Diversos acontecimentos ficaram marcados na memória das pessoas que têm um rio como testemunha. No caso do São Francisco, alguns acontecimentos marcam a sua história: as enchentes que permearam o século XX; as procissões fluviais realizadas pelos diversos municípios ribeirinhos, a exemplo da que integra a festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá; como meio de transportes ainda hoje para pequenos comerciantes e mais recentemente como apelo dos que lutam contra

a transposição de suas águas – projeto apresentado pelo governo federal e que foi motivo de manifestação popular durante a festa de 2008²⁰.

Também através de palestras no meio acadêmico, como a proferida pela Prof^a. Dr^a. Maria Generosa Ferreira Souto (PUC-SP), na abertura da 3^a Semana de Extensão (SEMEX), realizada pela Universidade Tiradentes, em 27 de março de 2009, quando deixa perceptível a preocupação da academia com relação ao rio de Integração Nacional, como também é conhecido. Estudiosa há mais de 10 anos do Rio São Francisco, na região conhecida como alto-médio São Francisco, compreendida de Pirapora a Januária (MG), ela assim se referiu ao rio durante seu pronunciamento:

Ele é o fio da memória, a unidade nacional, o fio da beleza, da simplicidade, mas também o da fome, das moléstias, o fio do esgoto e dos problemas. O rio São Francisco está gritando e, com ele, todos aqueles que vivem à sua margem [...]. Em seu percurso existe uma oralidade que o sustenta; carrega consigo uma narrativa, uma identidade das pessoas que o habitam; é modo de sobrevivência de muitos, interfere no jeito de falar, de comer, de vestir. É mito, e rito no sentido das ritualidades festivas uma vez que qualquer ser humano precisa de festas. E ele tem várias ao longo do seu curso.

O rio São Francisco não é apenas um rio para o povo ribeirinho, ele é parte da história de vida deste povo. Ele é o rio da sobrevivência mesclado com as diversas histórias de fé. Na festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá, acompanhamos algumas dessas histórias que fazem com que oromeiro compareça à festa não só por devoção mas com a finalidade de pedir proteção ao santo protetor dos navegantes, em especial aos navegantes do Velho Chico.

2.2 A fidelidade dos devotos ao santo: promessas e penitências

Aqui fazemos um aporte em estudiosos da área como Girard (1990), Bourdieu (2005, Pereira (2004) e Eliade (1996, 2001, 2002, 2010), para melhor compreensão como acontece essa relação entre os dois polos (terreno e celeste), procurando compreender essa relação corporal que os devotos praticam com o santo de sua convivência.

²⁰ Neste ano houve manifestação de protesto contra a transposição do rio São Francisco, onde devotos e locais da cidade, a exemplo da ponte em meio à decoração, portavam fitas e faixas pretas. Inclusive na própria imagem do Bom Jesus dos Navegantes (nas mãos) foram colocadas fitas pretas.

Em seu estudo, ao analisar “*A violência e o sagrado*”, René Girard (1990) observa como o pensamento moderno se comporta diante da questão do sacrifício, levando-nos a entender que “o sacrifício provém de um cunho psicológico, financeiro, biológico, político ou natural entre quem faz o sacrifício e a divindade que exige este ato.” Fica claro, então, que “o sacrifício foi definido como uma mediação entre aquele que se sacrifica e uma divindade.” (GIRARD, 1990, p. 17).

São através das festividades e manifestações culturais que o povo exprime seu modo de vida, nelas representado pelas tradições. Fiéis e festeiros de todas as classes sociais e de todas as regiões do Brasil se unem numa comunhão de cultos originários da época colonial. Apesar da predominância de valores de origem europeia, o calendário das festas populares no Brasil tem uma estreita relação com a influência africana, conforme se verifica em manifestações como o Maracatu em Pernambuco, a Festa de Iemanjá, dentre outras.

Essas manifestações pertencem ao coletivo e são de cunho religioso ou celebrações sacro-profanas, como as festas juninas, congadas, festa do Judas, além das manifestações associadas às safras agrícolas. Na época do plantio, são evocadas as entidades divinas para proteção da colheita, à semelhança do que acontece com os pescadores, que reverenciam as divindades da água e fazem oferendas para obter uma boa pescaria. Em conformidade com diversas culturas, após a colheita, a fartura da safra é marcada por manifestações ruidosas e festivas, com comidas para a coletividade e demais atrações.

Na festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá, os devotos costumam chegar em excursões, carros próprios e até em carroças. Chegam cedo à cidade e aproveitam o dia do festejo para pagar promessas alcançadas de diversas formas, sejam acompanhando a procissão entoando os cânticos, vestidos igualmente às vestes do santo ou de branco, descalços, de joelhos. Existe uma diversidade de formas para reverenciar o santo como uma maneira de gratidão por graças alcançadas.



Figura 34 – Carroça com Romeiros
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 35 – Pequena canoa de pescadores com romeiros
Fonte: Acervo da pesquisadora

Em 2008, a aposentada Maria de Lourdes Freitas que veio de Arapiraca-AL em ônibus fretado com outras 35 pessoas para acompanhar a procissão, assim se referiu: “sou devota de Bom Jesus, que muito me ajudou”. Ela contou que o santo salvou a vida do marido, um pescador ribeirinho, há 40 anos, e desde então passou a devotar a vida ao Bom Jesus, consagrado protetor dos pescadores.

O agricultor Mateus Santos depende do rio São Francisco para irrigar a pequena propriedade que tem na cidade de Neópolis-SE, próxima a Propriá. No domingo, durante a procissão ele disse que faz questão de estar em todas as procissões em louvor ao santo para pedir proteção para ele, a família e para o rio. Com uma fita preta na camisa, em sentido de luto, manifestação seguida pelos fiéis ribeirinhos neste ano de 2008, em protesto a transposição do rio São Francisco, fez questão de dizer: “O rio está morrendo. Precisamos da ajuda de Bom Jesus e dos governos para acabar com isso (se referindo a transposição) e salvar o rio.”

No ano de 2009, foi possível observarmos D. Vera (a cuidadora da capela) acompanhar a primeira procissão, do período do festejo, vestida com trajes iguais ao do Bom Jesus. Ela nos deu o seguinte depoimento: “também estou pagando por uma graça alcançada”. Esta relação com o divino, de penitência, promessa e sacrifício, se estabelece na medida em que estes devotos comparecem à procissão para agradecer pela saúde, por dias melhores, entre outros motivos.

Esse fato nos remete a Bourdieu (2005, p. 33-34), quando observa como funciona o mercado de bens simbólicos²¹ e como “acontece essa divisão dentro do campo religioso a partir de um sistema de símbolos e sua distribuição desigual”, levando-nos a compreender o comportamento da religião dominante e das pessoas dentro da sociedade, que é concebida como um campo. Para este autor, o capital simbólico é sinônimo de reconhecimento e de fundamental importância na classificação do homem, no campo social em que atua. Nesse sentido, amparando-se em Durkheim, o autor afirma que:

A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como estrutura natural-sobrenatural do cosmos. (BOURDIEU, 2005, p. 34).

Dessa observação podemos compreender as práticas de monopólio de bens de salvação da igreja, institucionalizada como um fator político muito bem estruturado e, sobretudo, colocado para as pessoas através do capital simbólico, em que o coletivo agora passa a sobrepor o individual, de modo que tudo se converte para os dogmas da religião dominante. É nessa forma de conceber o mundo que os homens delimitam os seus espaços e se comunicam com o sagrado, com o poder invisível denominado por Bourdieu (2005).

Ao discutir a troca simbólica, também Pereira (2004, p. 37) preconiza que “esta relação existente entre o fiel e o santo acontece principalmente entre aqueles praticantes do catolicismo popular e os que praticam religiões de origem africana.” Podemos identificar essa troca de promessas, penitências e ex-votos deixados pelos devotos nos santuários ou no sacrifício demonstrado em algumas procissões, na necessidade do fiel tocar a imagem, beijá-la, acompanhar a procissão de joelhos, e até mesmo carregar cruzeiros como forma de assemelhar-se ao Cristo sofredor.

Eliade (2001, p. 19) discute a plenitude da experiência religiosa vivida pelo homem e deixa claro como o plano sagrado se distingue do mundo profano, no entanto estão intimamente ligados e não se dissociam, quando assim comenta:

²¹ Segundo Pierre Bourdieu (2005), bens simbólicos representam as transações nos mercados de bens culturais ou religiosos.

Pode-se medir o princípio que separa as duas modalidades de experiência – sagrada e profana – lendo-se as descrições concernentes ao espaço sagrado e à construção ritual da morada humana, ou às diversas experiências religiosas do Tempo, ou às relações o homem religioso com a Natureza e o mundo dos utensílios, ou à consagração da própria vida humana, à sacralidade de que podem ser carregadas suas funções vitais (alimentação, sexualidade, trabalho, etc).

Diante dessas interpretações, percebemos que esses dois fenômenos estão intimamente ligados às manifestações religiosas. Portanto, já estão arraigados no cotidiano popular, sobretudo nas festas religiosas. Para muitos participantes da festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá, por exemplo, sem o evento social a festa enfraqueceria ou tornar-se-ia inconcebível. Sagrado e profano são distintos, porém contíguos.

2.3 A diversão

Propriá através da música, pela poesia ou pela literatura, está sempre se destacando das demais cidades ribeirinhas do São Francisco, do Estado de Sergipe. Para os proprienses ou naturalizados, Propriá é uma daquelas cidades que se apresenta como porto seguro: você sai, mas volta! E volta para rever amigos e parentes, mas também para participar dos seus festejos, porque parece nenhuma outra possuir o poder de unir pessoas que Propriá possui.

A diversão dentro do contexto da festa do Bom Jesus dos Navegantes inicia-se durante a semana com a instalação do parque de diversões e as apresentações de bandas e trios elétricos contratados pelo poder público local, como forma de trazer para o município maior número de participantes. O parque começa a funcionar a partir das 18h após o comércio local baixar suas portas; a partir das 20h iniciam-se as apresentações de bandas locais e convidadas. Geralmente estão encerrados os rituais litúrgicos e, portanto, as apresentações prosseguem até o amanhecer do dia seguinte.

Em épocas áureas, Propriá chegou a contar com a participação de Luiz Gonzaga, ilustre e saudoso visitante compositor, que por ser amigo de um dos políticos da localidade, Sr. Pedro Chaves, vinha à cidade com certa frequência. Isso fez com que uma de suas composições quase se transformasse no hino propriense. Nela era exaltada “a saudade que o nordestino sentia nas obras da construção civil do sudeste e Rosinha era o arquétipo da virtuosa mulher nordestina que pacientemente tece bordados (tradição na cidade de Propriá)

enquanto seu amado não volta”, como justifica Aragão (2002, p. 66). Estamos nos referindo a música *Propriá*, composição em parceria com Guido de Moraes:

Tudo o que eu tinha
Deixei lá, não trouxe não
Deixei o meu roçado
Plantadinho de feijão
Deixei a minha mãe
O meu pai e meus irmãos
E com a Rosinha
Eu deixei meu coração

Por isso
Eu vou voltar pra lá
Não posso mais ficar
Rosinha ficou lá em Propriá.
Ai, ai, ui, ui
Eu tenho que voltar,
Ai, ai, ui, ui
Minha vida ta todinha
Em Propriá.

Música: *Propriá*
(Luiz Gonzaga e Guido de Moraes)

Atualmente são as bandas e trios, cantores dos mais variados ritmos, além das duplas sertanejas, que se apresentam fazendo a alegria do público que visita a cidade durante os festejos. Del Priori (2004, p. 10) em seu estudo sobre *Religião e religiosidade no Brasil colonial*, compreende que no ambiente da festa há uma espécie de bricolagem, ou seja, uma mistura de sentimentos, em que a brincadeira se mistura com a devoção que acaba se transformando em um ambiente sagrado e de diversão. Diante desta opinião se evidenciam ser as experiências sagradas e profanas convergidas nas trocas simbólicas, nos quais os participantes estão unidos por conta da festa e de Deus.

Os blocos do já reconhecido carnaval fora de época têm seu lugar de destaque, pois iniciam a festa da diversão e encerram o festejo após a conclusão das festividades religiosas do domingo solene. Nos bairros onde se situam os mastros, no domingo pela manhã, há brincadeiras de época como o pau-de-sebo e corridas de canoas desenvolvidas pela própria comunidade. Os tradicionais bailes nos clubes locais quase não mais existem. Dos quatro clubes que em outras épocas disputavam o maior número de frequentadores associados, dois ainda resistem ao tempo e à modernidade: 12 Tênis Clube de Propriá e a Associação Atlética Banco do Brasil, que já não possuem em seus quadros um quantitativo de associados como em décadas passadas.

A festa sai dos clubes para as ruas tornando-se uma manifestação promovida pelo poder público com a aquiescência da população. Há, entretanto, os que acreditam que estes fatores estão levando a festa enfraquecer o seu lado religioso, chegando a informar que preferem assistir ao cortejo da procissão fluvial através da ponte, da balaustrada²² e depois a benção final na frente da catedral, ficando longe das manifestações artísticas – opinião também de alguns devotos que chegam em caravanas somente no domingo da festa e ficam dentro da igreja em adoração ao santo até a hora da procissão no entardecer do domingo.

Ao arguirmos alguns moradores da localidade, e que por solicitação dos mesmos não os identificamos diretamente, sobre o que achavam desta convivência do religioso com o social, assim informaram JFS, 57 anos e MGS, 90 anos:

Olha moça, eu acho boa. Pois se não tiver a parte das bandas, a moçada que vem pra festa, se for só pela procissão não vem mesmo não. Tendo as duas coisas, eles vão pra festa e na hora da procissão, vão pra procissão acompanhar nas lanchas pelo rio.

Eu já não acompanho a procissão como antigamente. Vou até a “Banca do Peixe” e assisto a procissão quando passa no rio. Gosto de ver a manifestação popular do mastro do bairro e depois volto para casa. Mas está muito diferente do meu tempo de juventude.

Outra moradora, MGV, 74 anos, deu o seguinte depoimento:

Os jovens que vêm para a festa só pensam em beber e em dançar. No domingo da procissão logo cedo alugam uma lancha e com almoço, cerveja e som vão passar o dia no rio tomando banho nas coroas até a hora de acompanhar a procissão. Tem gente que aluga as lanchas para a família acompanhar de perto o santo na procissão fluvial, sem bebedeiras, mas outros, não. E os trajes? Não são como antigamente, a maioria é short e bermuda. Eu prefiro assistir da balaustrada.

Através dos dois últimos depoimentos fica clara a resistência na permanência de uma tradição no sentido de condução dos rituais festivos. Mas verificamos também que o novo tende a buscar o seu espaço nas festividades. E procurando centrar o leitor no dia solene da festa do Bom Jesus dos Navegantes é que no capítulo seguinte descrevemos como acontece o domingo festivo, o dia mais solene da festa, entendendo assim porque apesar de não ser uma festa de santo padroeiro, ela continua ocupando lugar de destaque para a população e visitantes.

²² Conforme dicionário Aurélio (FERREIRA, 1977, p. 55), “Balaustrada: 1. Série de balaústres; 2. Parapeito, corrimão, etc.”

3 O DOMINGO DA FESTA²³

3.1 Alvorada festiva e missa solene

De acordo com Eliade (2001, p. 79): “Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente, tornado presente.”

Quando as águas mornas do rio São Francisco ainda dormem, formando um imenso espelho d’água, a névoa da madrugada espalha seu esbranquiçado pela paisagem e o sol com seus raios mistos de ouro e prata abraça a cidade, o repicar dos sinos da catedral despertam a população para o domingo solene, juntamente com os fogos pipocando pelo ar. Nas residências, o cheiro do café coado, da carne do sol assando, são os responsáveis pelo desjejum do dia, inclusive dos mais jovens ainda adormecidos, cansados da noite anterior que se prolongou até mais tarde. É dia de reunir a família, de mesa farta, de cheiro de bolo quente. É dia de festa! Há hasteamento de bandeiras na praça da Bandeira – é de fato um domingo solene e também é dia do Bloco Religioso.

Desde 2005, segundo relato da ex-moradora do bairro Tecido, D. Conceição, vem sendo organizada a saída do Bloco Religioso, batizado de “Alvorada dos Navegantes” formado por um grupo de pessoas do bairro e que nos últimos anos tem sido permitida a participação de todos interessados em percorre as ruas principais da cidade no alvorecer do dia festivo, em que a única bebida permitida é a água.

Tal iniciativa partiu desta senhora ao perceber que o festejo ao Bom Jesus encontrava-se segundo ela, perdendo muito do seu lado religioso, dando ênfase às atrações musicais das bandas, trios e blocos carnavalescos. D. Conceição resolveu então, criar o “bloco religioso” que abriria os festejos comemorativos do grande dia da festa, logo após o repicar dos sinos, anunciando o dia especial. D. Conceição disse que procurou apoio do gestor municipal ficando a promessa de inserir o bloco Alvorada dos Navegantes na programação da festa.

²³ No Apêndice A trazemos um CD com várias fotos que tiramos nas festas de Bom Jesus dos Navegantes nos anos de 2008, 2009 e 2010.

Ouvimos o pipocar dos foguetes! Devidamente uniformizados e acompanhados pela Banda Municipal, zabumbeiros e pífanos, o bloco Alvorada dos Navegantes desfila pelas ruas principais da cidade. Homens e mulheres, jovens e adultos religiosos estão no cortejo. Carregam à frente um estandarte com a imagem do santo e o nome do bloco. Seus participantes entoam cânticos religiosos e fazem orações em pontos específicos já definidos anteriormente, a Catedral, a Gruta de N. Sr^a. da Conceição, e a capelinha do Bom Jesus.

Após esta caminhada em orações, prosseguem até o local de origem onde se encontra o Mastro do Tecido, já sendo aguardados com um café nordestino, preparado por algumas mulheres da comunidade que optam por participar daquele momento expondo os seus dotes culinários.

Após o café matinal, a festa prossegue não só no bairro Tecido, mas em toda a cidade. Às 10h acontece a missa solene na catedral com realização de batizados e bênçãos.



Figura 36 – Bloco Alvorada dos Navegantes I
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 37 – Bloco Alvorada dos Navegantes II
Fonte: Acervo da pesquisadora

A catedral abre suas portas para receber os fiéis que já começam a chegar à cidade em carros próprios, caminhões, e ônibus de excursões, trazendo romeiros e visitantes. O clima festivo toma conta do ar, das pessoas, do rio, da ponte, da cidade. Através do rio vê-se chegar embarcações trazendo visitantes para o festejo em lanchas das tradicionais às mais modernas, canoas, não mais as de tolda²⁴, importante na participação do festejo, catamarãs²⁵ e até jet-skis, desenvolvendo um verdadeiro balé sobre as águas do São Francisco.

²⁴ Também conhecidas como canoas “borboletas” por possuir dois panos que após abertos lembravam a borboleta. As canoas de tolda por décadas foram responsáveis pelo transporte de cargas para as cidades ribeirinhas num zigue-zague nas águas, indo de Neópolis-SE quase na foz do rio até Piranhas-AL onde encontra-se hoje a hidrelétrica de Xingó. Perderam sua importância com a vazante do rio e criação de pontes e rodovias.



Figura 38 – Canoa Canindé
Fonte: Acervo de domínio público



Figura 39 – Canoa Luzitânia
Fonte: Acervo de domínio público



Figura 40 – Embarcações da atualidade
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 41 – Embarcação de lazer
Fonte: Acervo da pesquisadora

Durante o dia, percebemos haver uma diversidade de atividades na cidade. Além do bloco religioso e da missa, tem o banho de rio às margens do São Francisco, junto ao cais, ou para os destemidos, o banho próximo à adutora²⁶, em coroas ou bancos de areia formados próximo a esta, transformando-se em mais uma opção para o banho doce e refrescante nas águas do rio.

Nesse ano de 2010, contabilizamos mais de trinta ônibus de excursionistas e romeiros estacionados próximo ao acesso da adutora. Os organizadores das excursões relataram que no dia da festa do Bom Jesus trazem pessoas que ficam na igreja e participam dos atos religiosos, como também aqueles que aproveitam o banho no rio e assistem à

²⁵ Catamarã – embarcação com dois cascos (vulgarmente chamado “bananas”) com propulsão à vela ou motor, que se destaca por sua elevada estabilidade e velocidade em relação às embarcações monocasco.

²⁶ Adutora: canal, galeria ou encanamento que conduz ao reservatório as águas de um manancial.

procissão fluvial quando esta passa em cortejo próximo à adutora, que fica em sentido oposto à ponte – local também disputado para apreciação da procissão fluvial.

Ao estendendo o olhar até a ponte, percebemos ser um local privilegiado para acompanhar a procissão fluvial. Embora com tráfego intenso de caminhões que costumeiramente por ela trafegam, há também um grande movimento de carros particulares neste dia. A ponte conquistou a população e hoje é tida como elemento de composição da festa.

Há registros de que a construção da ponte tenha iniciado em 1970 e que à época era chamada de Ponte da Integração Nacional, uma vez que veio completar a integração norte-sul do país através da BR-101, de Natal-RN a Osório-RS sem interrupções. Eram os dias do Governo Médici, das grandes obras arquitetônicas como a ponte Rio-Niterói e a Transamazônica; eram os dias do “Brasil Grande”.



Figura 42 – Inauguração da Ponte I
Fonte: Acervo de domínio público



Figura 43 – Inauguração da Ponte II
Fonte: Acervo de domínio público

A inauguração da ponte em 5 de dezembro de 1972, contou com a presença do então Ministro dos Transportes, Mário David Andreazza, e dos governadores dos estados de Sergipe e Alagoas, Paulo Barreto de Menezes e Afrânio Lages. Com 842 m de extensão e 16,20 m de altura, a ponte possui um vão metálico móvel em arco com 97 m de extensão, e foi projetado para ser levantado permitindo que embarcações de grande calado navegassem o São Francisco, o que nunca ocorreu devido à perda de profundidade do rio. A ponte é do tipo rodo-ferroviária e foi entregue ao público com a passagem do Trem da Integração, transportando produtos agrícolas no sentido norte-sul do país.

Este foi um momento de grande festa para os propriaenses, mas junto com a inauguração da ponte houve também uma enorme perda para a cidade, pois o comércio local mantinha altos índices de comercialização graças ao transporte fluvial e terrestre – este último tinha passagem obrigatória por dentro da cidade até o cais, onde era feita a travessia para o Estado de Alagoas, através de balsas.

A ponte passou a integrar a festa, quando a população percebeu ser ela um local privilegiado para acompanhar a procissão do Bom Jesus dos Navegantes, sendo decorada também pelos comerciantes que possuem bares e restaurantes nas suas proximidades e que neste dia o local fica tomado por uma multidão que quer ver de perto o santo passar com todo o seu cortejo fluvial sob ela. Todos aproveitam o momento para fotografar, acenar com lenços brancos, soltar fogos, pétalas de flores, aplaudir, chorar de emoção e até usam local para protestos, como ocorreu em 2008 pela não transposição das águas do São Francisco.

Outro elemento que vem compor o cenário da festa é o Hotel “Velho Chico”, construído na década de 1980, no morro conhecido como “Morro do Urubu” e ao lado da ponte; detentor de uma paisagem exuberante, ofertando uma visão do rio São Francisco à frente; pela esquerda, uma vista panorâmica da cidade de Propriá; à direita, as várzeas de arroz; e ao fundo a BR-101; a obra veio contribuir para o turismo local, e no período da festa é uma grata opção de hospedagem.



Figura 44 – Hotel Velho Chico
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 45 – Restaurante Maria Bonita no Hotel Velho Chico
Fonte: Acervo da pesquisadora

Voltando para o interior da cidade, neste dia festivo é possível observar que o trânsito fica complicado. As ruas largas tornam-se estreitas pelo quantitativo de ônibus e carros que circulam por ali. Quem vem para acompanhar os rituais religiosos se esforça para

chegar cedo à igreja e conseguir lugar para assistir a celebração. Após a missa, acontecem os batizados e depois destes a igreja fica todo o dia de portas abertas para que os romeiros e visitantes venham agradecer suas graças, pedir proteção, tocar nas vestimentas do santo ou até mesmo encontrar um local de meditação e descanso longe de toda a euforia de que é tomada a cidade.

Eliade (2001) contribui para ampliar nossa compreensão da festa religiosa no tempo original, quando descreve o comportamento do homem dentro desse tempo e como se dá essa experiência sagrada frente à realidade profana. O autor nos mostra toda a complexidade dessa festa religiosa rememorada através dos tempos e como os rituais passados se tornam presentes. Nesse mesmo sentido, ele analisa a representatividade da festa e como o homem concebe esses valores dentro de si. Em sua concepção, o calendário sagrado traz de volta o que foi vivido em outros tempos, há dez ou há mil anos atrás.

A experiência religiosa da festa, quer dizer, a participação no sagrado, permite aos homens viver periodicamente na presença dos deuses [assim], os participantes da festa tornam-se contemporâneos dos deuses e dos seres semidivinos [...]. O calendário sagrado regenera periodicamente o tempo, porque o faz coincidir com o *Tempo da origem*, o Tempo “forte” e “puro”. Ao imitar seus deuses, o homem religioso passa a viver no *Tempo da origem*, o Tempo mítico. (ELIADE, 2001, p. 93).

Entendemos que Propriá vive mais uma festa do Bom Jesus dos Navegantes como planejaram seus organizadores. As donas de casa se dividem entre os ritos religiosos e o preparo das iguarias que serão ofertadas no almoço aos hóspedes, parentes ou amigos que chegam para a festa. O calor e o sol são cúmplices e instigam o consumo da cerveja gelada, de outras bebidas alcoólicas, sem falar nos diversos tira-gostos que são consumidos embaixo dos quiosques da orla ribeirinha ou das árvores em frente das casas repleta de hóspedes. O som dos carros ou dos trios elétricos que permanecem na cidade contribuem para a animação dos visitantes. E assim permanece até a saída do santo em procissão da catedral às 16h, para o catamarã que o aguarda com banda de música, autoridades locais e estaduais, o clero e a população devota que, entoando cânticos, o acompanham na procissão fluvial.

3.2 Procissão fluvial pelo rio São Francisco

As águas simbolizam a soma universal das virtualidades: são *fons et origo*, o reservatório de todas as possibilidades de existência [...]. Em qualquer conjunto religioso em que as encontremos, as águas conservam invariavelmente sua função: [...] lavam os pecados, purificam e, ao mesmo tempo, regeneram [...]. (ELIADE, 2001, p. 110).

É dia de usar a roupa nova, os sapatos novos identificados por, no fim do cortejo, estar entre os dedos das mãos sem nenhum pudor ou constrangimento, seguindo uma tradição, fica visível, mas o que vale mesmo é acompanhar a procissão terrestre e fluvial, pedir a benção e proteção ao santo, como explica Martha Martyres em seu artigo publicado na internet no ano de 2007, como moradora ribeirinha bem conhece a importância dada às festas do Bom Jesus dos Navegantes pelo povo devoto e que segundo ela: “Só quem nasceu por aqui é capaz de ver e sentir, de forma plena, o entusiasmo, a fé e a capacidade criadora do povo beiradeiro nesse momento soberbo.”

Às 16h em média, devido ao movimento das marés, o cortejo com o santo sai da catedral em direção ao cais debaixo de um estrondoso espetáculo de fogos de artifício. No rio já esperam diversas embarcações cheias de fiéis. Em tempos outros, fazia-se um cortejo mais longo pelas ruas da cidade; atualmente percorre-se um caminho menor, tendo em vista que o horário é ainda de sol intenso e na volta da procissão fluvial, o percurso é pelas ruas mais próximas à catedral, pois já é entardecer, as luzes da cidade já estão sendo acesas e muitos dos visitantes e romeiros ainda enfrentarão a estrada para retornarem aos seus lares.

Durante a procissão, foi possível notarmos que o público está dividido: tem gente nas embarcações, no cais também chamado de balaustrada –, na beira do rio, nas coroas, na ponte, e nos bairros onde estão situados os mastros. Por toda parte tem gente para ver a procissão do santo protetor dos navegantes. No percurso da igreja ao cais o povo para o que está fazendo, ergue os olhos para o Bom Jesus, pede sua benção, faz o sinal da cruz. Os sons mais variados silenciam em respeito à passagem do santo. Os homens tiram os chapéus e se curvam em reverência, as mulheres põem a mão sobre o coração e pedem proteção para suas famílias.

Ao se aproximar do cais o cortejo com o santo, uma multidão avança, corre para as embarcações em busca de lugares para acompanhar mais de perto a procissão fluvial. As embarcações apitam e começa a procissão. No catamarã que o Estado dispõe semanalmente para o turismo fluvial, vai o santo em local de destaque, a Banda Municipal (Filarmônica

Santo Antônio), sob a regência do Maestro Robério, representantes do clero e algumas autoridades municipais e estaduais. À volta ou atrás desta embarcação, vão as lanchas, as canoas, os jet-ski e os botes da Marinha do Brasil.

O cortejo sobe o rio lentamente, não tão próximo ao cais, por necessidade de águas mais profundas para as embarcações, porém suficientemente perto do bairro onde está instalado o mais antigo dos mastros votivos – o do bairro Tecido. Seus moradores, como já é normal nesta época, não poupam os fogos. É um outro espetáculo para se ver, principalmente para quem está nas embarcações.

Em diagonal, cortando as correntezas rio acima, a procissão passa próximo à adutora e segue em direção à cidade de Porto Real do Colégio, do lado de Alagoas que já está preparada para recebê-la como se a festa fosse sua: banda de música às margens do rio, multidão com lenços nas mãos e muitos fogos. É visível a emoção no semblante de quem está nas margens, como também de quem vem nas embarcações. A fé e o desejo de saudar o Bom Jesus é de todos.

As embarcações apitam saudando a cidade e agradecendo a manifestação. Em Colégio – como normalmente é chamada a cidade –, existe um monumento com uma imagem de Bom Jesus dos Navegantes dentro d'água. No dia da procissão este é a referência para o retorno da procissão para as margens sergipanas.

A partir deste momento a procissão desce o rio, com mais velocidade, passando novamente pelo bairro do Tecido e sendo mais uma vez saudado pelo público com palmas e fogos. No deslizar sobre as águas, sendo abençoado pelo Bom Jesus, o cortejo passa em frente ao mastro da Banca do Peixe que também é saudado pela população local com muitos fogos, acenos e lenços brancos. Continua a descida pelo rio, saudando agora os moradores e o mastro da rua Prefeito Néelson Melo, o terceiro dos quatro mastros existentes; observa-se que todos os bairros estão preparados para festejar o santo com muitos fogos, e não economizam na saudação.

O cortejo fluvial prossegue, passando agora pelo bairro da Poeira onde se encontra o segundo dos mais antigos mastros, e onde a população demonstra que realmente está preparada para saudar ao Bom Jesus. A emoção toma conta de alguns; o espetáculo é cinematográfico! Mais à frente com sua magnitude, costurando as águas do Velho Chico vê-se erguida a ponte da integração como foi denominada quando da sua inauguração. Decorada pelos comerciantes que possuem restaurantes e quiosques em sua cabeceira sergipana, está

tomada por uma multidão que quer ver a procissão passar sob ela. Neste momento, o tráfego é interrompido tanto do lado de Alagoas quanto de Sergipe. Os caminhoneiros saúdam o santo com o toque das buzinas, as pessoas jogam pétalas de flores, papel picado e serpentinas. Os flashes das máquinas fotográficas são inúmeros.

No hotel “Velho Chico” com sua localização privilegiada, os hóspedes acenam para o cortejo e buscam melhor visualização com suas câmeras fotográficas e máquinas filmadoras. Em meio a esta multidão, destacamos a presença do Sr. Miguel do Belém²⁷ – possuidor de um corpo franzino, aparentando 75 anos, seu Miguel está vestido de terno preto, camisa branca, gravata e chapéu, montado em seu cavalo. Segundo ele, já perdeu as contas de quantos anos frequenta a festa de Propriá. Disse ainda: “Vim de manhã para a missa, e agora voltei para ver a procissão aqui da ponte.”



Figura 46 – Devotos na ponte
Fonte: Acervo da pesquisadora



Figura 47 – Devoto a cavalo: Sr. Miguel do Belém
Fonte: Acervo da pesquisadora

Pela demonstração do público presente o que se entende é que a ponte não chegou para separar, mas sim para unir povos e costumes, cultura e tradição, estando inserida na festa como mais um ponto referencial tão importante quanto os mastros, além de seu objetivo-fim que é a integração entre estados e regiões do país. A ponte também é referência para o limite da procissão fluvial. Após o cortejo passar por sob ela, retorna ao cais de onde iniciou a procissão. Este é o momento mais esperado pela comunidade que cuida do mastro da Poeira e do mastro da Av. Prefeito Nelson Melo (Pau-de-Arara).

²⁷ Belém é um povoado pertencente ao município de Porto Real do Colégio-AL.

Quem vem nas embarcações assiste ao mais belo espetáculo de queima de fogos²⁸ só comparado, como informou uma visitante, à queima de fogos da virada do ano, nas grandes cidades.

3.3 Apoteose

*Olha lá vai passando a procissão
Se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando
Acreditam nas coisas lá do céu
As mulheres cantando tiram versos
Os homens escutando tiram o chapéu
Eles vivem pensando aqui na Terra
Esperando o que Jesus prometeu*

(Trecho da música *Procissão*, de Gilberto Gil)

O cortejo fluvial está chegando ao seu final. As embarcações aportam, as pessoas organizam-se em filas paralelas e aguardam o andor do santo ser levado pelos homens devotos que o conduzem por entre estas. O andor é acompanhado pelo pároco da cidade, pelas autoridades, pelo povo e pela banda de música. Os sinos da catedral repicam, anunciando a chegada do santo à igreja. Diferente dos anos anteriores, não há benção em frente da catedral²⁹.

As pessoas se espremem umas contra as outras para entrar na igreja e acompanhar tudo. Todos querem um lugar nos bancos da igreja. Durante a celebração final, o pároco agradece a todos que compareceram à festa do Bom Jesus dos Navegantes, desde os visitantes e romeiros até as autoridades que estiveram no evento, pedindo ao santo proteção para todos, em especial àqueles que ainda deverão retomar a estrada até chegar aos seus lares; convida aos que permanecerão na cidade para acompanhar em procissão o Bom Jesus dos Navegantes até sua capela de origem de onde só sairá no ano seguinte para mais uma festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá.

Estão encerrados os festejos religiosos! Mas como descreve Brandão (1978, p. 37) “as festas religiosas estão ligadas a uma festa profana; é como se dentro de cada festa

²⁸ A queima de fogos na festa de 2010 teve um destaque especial já que o céu encontrava-se cinza escuro devido às ameaças por todo dia, de chuvas que não caíam, mas que destacaram os fogos como chuva de prata sobre o rio São Francisco.

²⁹ A missa e benção finais, devido ao tempo nublado propenso a chuvas foram dadas no interior da igreja.

religiosa existisse uma profana e vice-versa.” A partir deste momento, a alegria de uma parcela dos participantes que ainda permanece na cidade, volta-se para os blocos carnavalescos responsáveis pela abertura e encerramento festivo-profano.

O dia seguinte é decretado ponto facultativo pelo gestor municipal, contribuindo para que os blocos realizem a “procissão-profana” que irrompe a madrugada, com mais intensidade, constituindo o que Canetti (1995, p. 16) analisa como o mais importante acontecimento a desenrolar-se no interior da massa – a “descarga”. Para o autor este é o “momento em que todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a sentir-se *iguais*.”

É durante as festividades e manifestações culturais que o povo exprime seu modo de vida, nelas representado pelas tradições. Nas festas de origem católica, especificamente, o tema sempre está ligado em torno da celebração da vida, morte e ressurreição de Cristo, da Virgem Maria e dos santos milagrosos e protetores, como neste caso, o Bom Jesus dos Navegantes.

Desta forma, compreendemos que a delimitação dos espaços sagrado e profano se apresenta tênue, pois diante da realidade vivida, o homem religioso tende sempre a estar envolvido pelo mundo natural que o cerca, ao qual se torna impossível fugir aos acontecimentos profanos.

Assim, diante das análises feitas, pudemos perceber que esses dois fenômenos estão intimamente ligados e, portanto, arraigados no cotidiano popular, sobretudo nas festas da igreja católica, fazendo com que muitos participantes entendam que sem o evento social a festa enfraquece, ou torna-se inconcebível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa do Bom Jesus dos Navegantes é uma tradição do catolicismo e da cultura popular. Realizada em vários municípios de estados nordestinos, a exemplo de Sergipe e de Alagoas, concentra na sua celebração principalmente habitantes ribeirinhos do rio São Francisco e pescadores.

Especificamente em Propriá-SE esta festa vem acontecendo há quase 90 anos, com o apoio irrestrito da Igreja Católica, do povo e, eventualmente, do poder público, mantendo uma tradição originária de promessa feita por alguns pescadores, que estão incluídos na categoria de “homens religiosos”, como bem descreve Eliade (2001, p. 164): “acreditam na existência de uma realidade absoluta, o *sagrado*, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real.”

Por se tratar de um festejo envolto de simbologia e ritos – o que nos remete aos estudos de Emile Durkheim (1989, p.363), o qual defende a ideia de que “os ritos têm o objetivo de separar os seres sagrados dos seres profanos”, além de Da Matta (1977, p.17) que considera “as procissões como um rito que mobiliza populações onde estas se realizam” – percebemos não ser diferente em Propriá. Desde a preparação para a festa até a sua concretude, há um envolvimento não apenas dos organizadores – seja da festa religiosa, seja da manifestação profana –, mas de toda a população.

E isto nos leva à compreensão dos ritos e dos símbolos como elementos fundamentais para a multidão que se faz presente na festa do Bom Jesus dos Navegantes de Propriá. Uma massa movida pela fé, formada por devotos e romeiros que veem no festejo o momento para agradecer ao santo pelas graças alcançadas, como também uma procissão formada por pessoas de crenças diversas, cuja participação se dá também pelo aspecto turístico, o divertimento e a alegria, e não só pelo aspecto religioso, como bem observou Amaral (1998). Temos ainda nesta trajetória os que comparecem à festa pelo intuito de rever amigos e familiares, pelo espetáculo que ela produz e pelo “carisma” das águas do rio São Francisco. O festejo religioso tem, portanto, além de seu viés devocional, a capacidade de reatar laços, alguns até perdidos ou extremamente frágeis, reforçando aqueles já existentes.

Entendemos ter as festas o poder de colocar em cena a história do povo que nela se vê e se representa como ator e não apenas expectador. E que, especialmente as festas populares, por menores que sejam os locais onde aconteçam, produzem resultados graças à

propaganda que beneficiam desde o vendedor ambulante, comerciantes de bares e restaurantes até o poder público, seja local ou estadual. Estes últimos, especificamente neste momento, aproveitam para enfeitar a cidade com faixas de boas-vindas aos visitantes, patrocinados por políticos que almejam a vitória nas eleições futuras e/ou dar conhecimento das ações desenvolvidas no município, através de informativos ou ainda oralmente, quando se fazem presentes à missa e procissão solenes. No caso da festa estudada, isso foi observado nos festejos de janeiro de 2010.

Durante o tempo da pesquisa percebemos a ausência de uma aproximação maior do poder público com a Igreja Católica local, para a realização da festa. Existe, como sempre existiu, a possibilidade de elo entre essas instâncias proporcionados pelo festejo, uma vez que este se trata de uma exaltação popular que se apresenta como manifesto de um povo em agradecimento às graças alcançadas, e tem se repetido por todos esses anos, sempre engrandecido e fortalecido pelo desejo do povo. Se levarmos em conta este envolvimento popular, o afastamento do poder público em relação a essa festa não se justifica.

Os fatos apresentados deixam evidente que as maiores preocupações do poder público para com a festa, são em períodos específicos, resultando em uma tênue credibilidade por parte da população local quanto às propostas administrativas e ao retorno, por exemplo, do Encontro Cultural, já algumas vezes cogitado.

É um festejo religioso, porém não é originário só da instituição eclesiástica católica, mas sobretudo da fé popular. A igreja católica como precursora dessa fé, abrigou o festejo e o conduziu dentro de seus ritos sagrados. Entendemos que manifestações desta natureza têm um alcance imensurável, sendo pouco percebido pelo poder público quando investe maiores aportes financeiros nas atrações artísticas. Isso levou o bispo de Propriá a questionar sobre como a festa tem se apresentado nos dias atuais, perdendo o gestor local a oportunidade, junto à Igreja Católica, de se fortalecer, além de atender a um apelo popular.

Como se trata de uma festa, e entendendo que em todas as formas de religiosidade brasileira há um caminho ou meio de se chegar a Deus, existe a parte religiosa, a veneração e o agradecimento de forma alardeante – nesse caso com procissão fluvial e terrestre, ritos sagrados como os batizados e as missas campais realizadas nos bairros onde estão os mastros votivos, foguetório e música. Para o povo esta é a obrigação, a outra parte da festa é a diversão, pois estão inseridas as danças, músicas, bebidas e comidas, que não deixam de ser outra forma de agradecimentos à Vida.

A festa repete-se em janeiro de cada ano, ininterruptamente. Sua história é contada de morador para morador da região, de avô para pai e de pai para filho; parece-nos, entretanto, que transmissão oral não seja suficiente para consolidar a memória histórica da festa.

Além dos aspectos de fortalecimento dos laços sociais e de difusão cultural ao lado da fé, há ainda um aspecto que não pode passar despercebido – o mercadológico. A venda de produtos artesanais, o movimento dos bares, restaurantes e similares é um fato que pode ser constatado por qualquer visitante que vá à cidade nessa época do ano.

Por todos esses anos de acontecimentos e de história, se houvesse registros escritos e preservados nos acervos públicos, nossa observação, comparação e análise da festa seriam mais precisas e ilustrativas; poderíamos entender melhor o significado da festa e de um povo que teima em celebrar sua tradição religiosa, mesmo tendo que se sobrepor às mudanças impostas pelo progresso tecnológico e sociocultural. Tradição e modernidade não se apresentam como uma convivência pacífica; muitas vezes estão entrelaçadas por relações conflituosas, algumas vezes explícitas outras nem tanto, como ficou claro nas falas do bispo e dos moradores.

Alguns costumes, como o das roupas e sapatos novos ressaltados na dissertação, já não são mais o que importam, pois a modernidade trouxe com ela novos conceitos de estética, tais como a roupa adequada para dançar com o trio elétrico e ainda a própria condição econômica da população cada vez mais precária. A perda do poder econômico de Propriá, considerado como um dos mais importantes do Estado em épocas passadas, com o fechamento das usinas de beneficiamento de algodão, a fragilidade das safras de arroz e a quantidade menor de pescado em função da presença das hidrelétricas e conseqüentemente das barragens, contribuindo para as vazantes e o nível das águas do São Francisco, são fatores que comprometeram os orçamentos domésticos, passando assim, a indumentária não ser o mais importante para os moradores e visitantes de agora. A tradição permanece com os mais antigos, como mostramos em alguns depoimentos sobre a participação na festa por moradores, ou ainda no exemplo do Sr. Miguel do Belém, que vem do Estado de Alagoas, montado em seu cavalo e que faz questão de assistir às missas, sejam as realizadas nos mastros ou na catedral e a procissão fluvial, rigorosamente trajado de terno, gravata e chapéu.

A modernidade também contribuiu com a quebra da tradição, em que o cortejo fluvial era acompanhado por embarcações impulsionadas por velas ou remos, como as canoas de pescadores, canoas de tolda tipo “borboletas” já quase extintas. Hoje chama-nos atenção a diversidade de embarcações, as tradicionais abrem espaços para as modernas – o catamarã, as

lanchas de recreio e os jet-skis, observando-se o permanente trânsito entre o sagrado e o profano.

O Encontro Cultural fez parte deste período histórico (1985-2007), que coincidiu com a ideologia dos governos municipal e estadual ao entenderem ser a Festa do Bom Jesus o espaço ideal para realização do encontro. No entanto, atualmente o interesse do gestor local é transferir o Encontro Cultural para outras datas, para que este não aconteça durante a festa do Bom Jesus. Na ausência de uma análise mais aprofundada, acreditamos que como a festa do Bom Jesus é a maior de todas que ocorrem no município, este é o momento mais apropriado para a realização do Encontro Cultural, como os próprios moradores pesquisados confirmaram em suas falas.

Nossa esperança é que, sendo a festa um momento para reencontros, de alegria e fé, continue a acontecer por ainda muitos anos. Nossa esperança, em consonância com a vontade do povo de Propriá, é de que o Encontro Cultural venha a ser retomado para maior brilhantismo do período festivo, e que os proprienses permaneçam se orgulhando a cada ano, e cada vez mais, do seu festejo ao Bom Jesus dos Navegantes, porém que a fé cresça em seu espaço numa convivência harmoniosa com a dimensão cultural como um todo.

Com a finalização dessa pesquisa, sentimos a necessidade de colocar para o leitor as dificuldades encontradas. O objetivo aqui é instigar ao pesquisador que se interesse pela área das ciências sociais a contribuir com registro documental sobre o objeto em foco, tornando-se copartícipe da história do local pesquisado. Como principais dificuldades encontradas, podemos ressaltar: a inexistência de registro documental sobre a festa, tanto nas bibliotecas quanto no acervo da igreja – o que nos dificultou entre tantas buscas, a simples localização do mapa da cidade; nenhum trabalho acadêmico de referência à origem da festa; impossibilidade da realização de entrevistas com o prefeito e secretariado, mesmo quando disponibilizamos *e-mails* e telefones; ausência de algumas obras literárias que só conseguimos encontrar em outros estados, e algumas delas só em sebos; as viagens nos finais de semana para a localidade, pouco coroadas de êxito; encontramos um número limitado de trabalhos acadêmicos em bibliotecas das universidades da capital, Aracaju, que faziam referências às festas religiosas, em especial às de santos e santas padroeiros e nenhum a santos protetores – tal fato nos motivou ainda mais a continuar com a pesquisa. Tudo isso nos fez entender que não só as entrevistas são importantes, mas também todas as informações prestadas e retiradas do fundo da memória do povo também têm o seu lugar demarcado para contribuir com o fazer da história.

No entanto, pudemos contar com a contribuição de pessoas que entenderam o valor da pesquisa como um contributo para a cidade e para as gerações futuras, auxiliando-nos para que pudéssemos ter acesso a fotos de arquivos pessoais, gentilmente cedidas por empréstimos ou cópias; a disponibilidade do bispo e o monsenhor da cidade que em momentos externos aos seus compromissos eclesiásticos concederam informações sobre a organização da festa; as conversas informais com moradores da localidade, coordenadores dos mastros votivos, membros do Conselho Paroquial e fiéis devotos, descendentes de pescadores, ex-moradores da cidade, participantes da festa que nos encaminharam informações relevantes por *e-mails* e aceitaram encontrar conosco em Aracaju.

Por fim, apresentamos nossas referências utilizadas, de relevância imensurável. Nela estão contidos todos os títulos consultados, as fontes documentais e os endereços dos *sites* de onde retiramos informações e imagens, dando-nos a sensação de dever cumprido pelo que nos propusemos. Estão expostas não só aos examinadores como a todos interessados em estudar as festas religiosas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/FAPESP, 1999.

AMARAL, Amadeu. **Tradições populares**. São Paulo: Hucitec, 1976.

AMARAL, Rita de C. **Festa à brasileira**: significado do festejar no país que “não é sério”. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ARAGÃO, Carlos R. B.; PRATA, W. L. **Propriá 200 anos**: notas e fotos do bicentenário. Aracaju: Sociedade SEMEAR, 2002.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**: diretrizes para elaboração de trabalhos acadêmicos. 10. ed. ver. e atual. São Paulo: Hagnos, 2001.

AZZI, Riolando (Org.). **A vida religiosa no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. Os leigos. In: HOORNAERT, Eduardo (Org.). **História da igreja na América Latina**. Tomo II/1. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARROS, Roque Spencer M. de. Vida religiosa. In: HOLANDA, Sergio Buarque de (Org.). **História geral da civilização brasileira**: a época colonial. Tomo I. Rio de Janeiro: DIFEL, 1997. v. 4.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOBBIO, Norberto. Política. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCU, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UnB, 1992. v. 2.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro. Tradução Fernando Tomaz. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 8. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2007b.

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

_____. **Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981.

_____. **Memória do sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **Os deuses do povo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Jornal Mais Brasil para mais brasileiros**, Brasília-DF, mai. 2008.

BRAUDEL, Fernand. **O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1983.

BRITTO, J. F. de. **Propriá nos seus albores**. In: **ÁLBUM** fotográfico e comercial de Propriá. Propriá-SE: Ed. Guarani, 1952.

CAMARGO, Cândido P. F. *et al.* **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1973.

CANETTI, E. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. (2 vols.) Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Tradição, ciência do povo**: pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. São Paulo: Ed.Global, 2002.

_____. **Calendário das festas**: informação do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

CASTRO, I. Elias. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand do Brasil S/A, 1992.

CHIANCA, L. **A festa do interior**: São João, migração e nostalgia em Natal no séc. XX. Natal: EDUFRN, 2006.

CINFORM 20 anos. **História dos municípios**. Aracaju, jun. 2002.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, paradas e procissões: reflexões sobre o mundo dos ritos. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro: ISER, n.1, p. 3-30, mai. 1977.

DEL PRIORE, M. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Religião e religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo: Ática, 2004.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará/ Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulus, 1989.

_____. **As regras do método sociológico**. 3. ed. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **História das crenças e das ideias religiosas**: da idade da pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. v. 1.

FERNANDES, Rubem Cezar. **Religião**: pouco padre, pouca música e muita festa. 2005. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/Itamaraty/web/pot/artecult/religião/apresent/apresent.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FERRETTI, Sergio F. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: EDUSP/FAPEMA, 1995.

_____. **Festa do divino no Maranhão**. Texto publicado no Catálogo da Exposição Divino Toque do Maranhão. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN/MEC, 2005.

FERRY, Luc.; GAUCHET, Marcel. **Depois da religião**: o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei? Tradução Nícia Adan Bonatti. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

FOUCOULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Felisberto. **História de Sergipe**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

GIL, A. Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1990.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. São Paulo: Contexto, 2008.

GONZAGA, Luiz; MORAES Guio de. **Propriá**. CEDAR, 1995.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris. **Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa**. São Paulo: Hucitec/ Editora Universidade de São Paulo/FAPESP: Imprensa Oficial, 2001. v. 2.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOONAERT, Eduardo. **Formação do cotidiano brasileiro (1550-1800)**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1983.

HOUTART, Françoise. **Sociologia da religião**. São Paulo: Ática, 1994.

KLINTOWITZ, Jaime. Um povo que acredita. **Veja**, São Paulo: Abril, n. 50, p. 124-129, dez. 2001.

LOPES, A. H. **Religião e performance ou as performances das religiões brasileiras**. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2007.

MARIZ, C. Loreto. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

MARTYRES, M. Martha. Bom Jesus dos Navegantes. **Blog da Martha Martyres**, 4 jan. 2007. Disponível em: <<http://blog.penedofm.com.br/2007/01/04/bom-jesus-dos-navegantes/>>. Acesso em: jan. 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. 2. ed. Seleção de textos de José Arthur Giannotti. Tradução José Carlos Bruni e outros. São Paulo:Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

_____. **O capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os Economistas, 2).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. **Sociologia e Antropologia**, São Paulo: EPU/EDUSP, p. 37-184, 1974.

MEDEIROS NETO, L. **História do São Francisco**. Maceió: Casa Ramalho, 1941.

MOTT, Luiz Roberto. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, L. de Melo e. **História da vida privada do Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia.das Letras, 1997.

PEREIRA, J. Carlos. **O sincretismo religioso e ritos**: influência das religiões afro no catolicismo popular brasileiro. São Paulo: Zook, 2004.

PIERUCCI, A. F. Ciências Sociais e religião: a religião como ruptura. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Ed. 34, 2003.

_____. Cadê nossa diversidade religiosa?: comentários ao texto de Marcelo Camurça. In: AS RELIGIÕES no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SANTOS, L. G. dos. **Memória para servir à história do Reino do Brasil**. Poema de Borges da Silva. Belo Horizonte: Itatiaia S/A / São Paulo: EDUSP, 1981, Tomo I. p. 350.

SILVA, Antônio Ozaí. **Política e religião**: entre o mal e o bem. Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 11 jun. 2008.

SLOTERDIJK, Peter. **O desprezo das massas**: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SOUZA, K. M. Araújo. **Velho Chico**: uma história do Baixo São Francisco. Aracaju: Núcleo de Ed. Ambiental – NEA / Superintendência Estadual de Sergipe – IBAMA, 1995.

TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Orgs.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

TINHORÃO, J. Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

VIANNA, Urbino de Sousa. **Bandeiras e sertanistas baianos**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935. v. XLIII.

Esta dissertação foi revisada e formatada por Mirna Juliana.
(mirnajuliana@gmail.com)

APÊNDICES

Apêndice A

CD com fotos da Festa de Bom Jesus dos Navegantes em Propriá-SE – 2008, 2009 e 2010.
Acervo da pesquisadora.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)